Conversa com escritores: arte e tecnologia

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza
Reitor

Neusa Maria Henriques Rocha
Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos
Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Lorena Terezinha Geib
Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

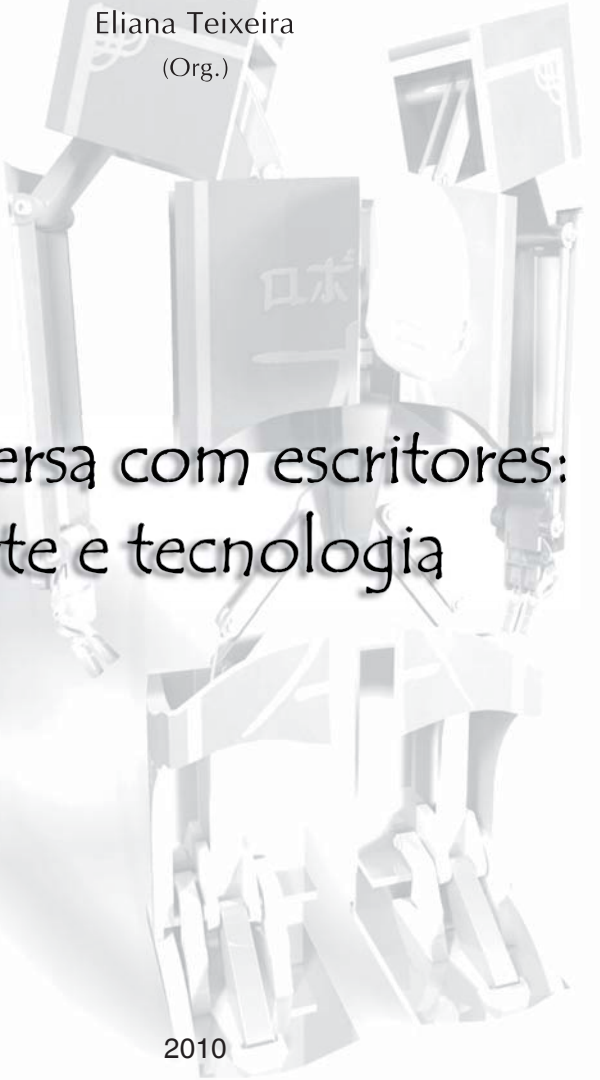
Agenor Dias de Meira Júnior
Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora
Simone Meredith Scheffer Basso
Editora

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Augusto Nienow
Alvaro Della Bona
Altair Alberto Fávero
Ana Carolina Bertoletti de Marchi
Andrea Poleto Oltramari
Angelo Vitório Cenci
Cleiton Chiamonti Bona
Fernando Fornari
Graciela René Ormezzano
Renata Holzbach Tagliari
Rosimar Serena Siqueira Esquinsani
Sergio Machado Porto
Zacarias Martin Chamberlain Pravia

Tania M. K. Rösing
Paulo Becker
Eliana Teixeira
(Org.)



Conversa com escritores: arte e tecnologia

2010

UPF Editora
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Copyright © Editora Universitária

Maria Emilse Lucatelli
Editoria de Texto

Sabino Gallon
Revisão de Emendas

Luis Hoffman Jr.
Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva
Projeto Gráfico e Diagramação

Paulo Gomes, Tadeu Vilani, Eliana Teixeira, Tiago Lermen, Arquivo Jornadas Literárias e Assessoria de imprensa UPF
Fotos

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, bem como as imagens, tabelas, quadros e figuras, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C766 Conversa com escritores : arte e tecnologia / Tania M. K. Rösing, Paulo Becker, Eliana Teixeira (org.). – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
154 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7515-731-2

1. Incentivo à leitura. 2. Leitura – Prática. 3. Jornada Nacional de Literatura. 4. Jornadinha Nacional de Literatura. II. Rösing, Tânia Mariza Kuchenbecker, coord. III. Becker, Paulo, coord. IV. Teixeira, Eliana, coord. V. Anais da 5. Jornadinha Nacional de Literatura.

CDU: 028.6

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

UPF EDITORA
Campus I, BR 285 - Km 171
Bairro São José
Fone/Fax: (54) 3316-8373
CEP 99001-970
Passo Fundo - RS - Brasil
Home-page: www.upf.br/editora
E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à

Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Vidas virtuais
(Homenagem ao cantor Raul Seixas)

Letra: Paulo Becker
Música: Pedro Almeida

JL13 para base. Já contatei o Circo da Cultura. Aguardo novo comando. Base para JL13. Sua missão é ajudar a formar leitores multimidiais. Que a força esteja com você.

Olhamos telenovelas
Zapeamos telejornais
Somos fãs de animês
De quadrinhos e mangás
Navegamos na internet
Falamos ao celular
E enviamos muitos torpedos
Esperando o amor chegar

Cai na real, cai na real
A nossa vida é virtual
Cai na real, cai na real
A nossa vida é virtual

O mundo muda mais rápido
Que o coração de um mortal
O que ontem era teatro
Hoje é centro comercial
A pracinha em que brincamos
Ficou debaixo do asfalto
E nós passamos de carro
Esperando o amor chegar

Cai na real, cai na real
A nossa vida é virtual
Cai na real, cai na real
A nossa vida é virtual

Ô linda moça
Do disco voador
Me leve pra jornada
Sempre que você for
Ô linda moça
Só não me deixe aqui
Enquanto eu sei que tem
Tanta estrela por aí

Sumário

Apresentação 9

Abertura da 5ª Jornadinha 15
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing 17
Cesar Augusto dos Santos 18
Adil de Oliveira Pacheco 18
Maria Augusta D'Arienzo 19

Conversa com escritores 21
Pedro Bandeira 23
Ignácio de Loyola Brandão 27
Hermes Bernardi Jr. 30
Anna Claudia Ramos 31
Gian Calvi 35
Ivan Zigg 36
Odilon Moraes 37
Jótah 39
Gilles Eduar 40
Mario Bag 41
Fernando Vilela 43
Flávio Paiva 44
Marilda Castanha 45
Carlo Frabetti 49
Mario Teixeira 50
Ernani Ssó 52
Júlio Emílio Braz 53
Índigo 55
André Diniz 59

Rosana Rios 61
Braulio Tavares 64
Lúcia Hiratsuka 65
Lourenço Cazarré 67
Ricardo Silvestrin 70
Gustavo Melo 73
Guilherme Fiuza 76
Allan da Rosa 81
André Diniz da Silva 83

Registro iconográfico 89

Registro da imprensa e internet 117

Dados gerais da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura 137

Apresentação

A 13ª Jornada Nacional de Literatura e a 5ª Jornadinha Nacional de Literatura iniciaram, no período da Pré-Jornada e da Pré-Jornadinha, com a conferência magna ministrada por Pierre Lévy, o filósofo da cibercultura, em 29 de setembro de 2009. Era o desencadeamento do grande debate sobre o tema desta edição: "Arte e tecnologia: novas interfaces". A cerimônia de abertura da 13ª Jornada, em 26 de outubro de 2009, teve dois momentos sublimes – o discurso do ministro de Estado da Educação do Brasil, professor Dr. Fernando Haddad, e a conferência do pesquisador holandês Wim Venn, autor da expressão destinada aos nascidos a partir de 1990 – geração *homo zappiens*. Passou-se a vivenciar plenamente o tema, ampliando o diálogo dos participantes com três importantes educadores e investigadores. Era a vivência do tema em grande estilo.

A cerimônia de abertura da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, a cada manhã, contou com o espetáculo *Tholl Exotique*, do grupo circense de mesmo nome, demonstrando uma mescla de linguagens que coincide com a larga percepção que se tem da leitura em tempos contemporâneos, a qual embasa o nosso grande objetivo: formar leitores literários, entendedores e apreciadores das linguagens artísticas e culturais e ciberleitores.

Percebe-se um aumento significativo dos índices de leitura no Brasil, considerando-se o envolvimento de crianças e jovens em meio eletrônico: ao navegar na internet,

frequentam *blogs* onde leem mensagens do mundo, escrevem sobre seu conteúdo também para milhares de leitores, elaboram comentários críticos numa linguagem codificada. Sentem-se à vontade especialmente ao alimentarem suas participações em comunidades de relacionamento com outros indivíduos da mesma faixa etária, sensibilizados por interesses coincidentes, utilizando ferramentas que ampliam a interatividade entre pessoas e a navegação em mundos virtuais de distintas naturezas. Demonstram entusiasmo e competência ao revelarem domínio do controle remoto, do computador, do celular, do mp3, da televisão, todos ao mesmo tempo, exercitando plenamente o *zapping*.

As Jornadas Literárias de Passo Fundo, com especial atenção à Jornadinha, destinada a crianças e jovens, têm oferecido a oportunidade a esse público de entrar em contato com livros produzidos por importantes escritores contemporâneos, que circulam na literatura, na publicidade, no teatro, mantêm *blogs*, tudo para ampliar não apenas o diálogo com os leitores de suas obras, mas também para despertar a curiosidade desse público e ampliar sua visão de mundo, vivenciando experiências das vidas das personagens, seus pensamentos, seus sentimentos.

A Universidade de Passo Fundo, por meio das Jornadas Literárias e de seus desdobramentos, tem se preocupado em formar mediadores de leitura – professores de sala de aula, professores responsáveis por bibliotecas, bibliotecários, agentes culturais – no sentido de ampliarem sua motivação pelo ato de ler e o seu entusiasmo pela difusão de notícias sobre importantes materiais de leitura plenos de inovação entre as pessoas com as quais convivem dentro e fora da escola. Em vista disso, ao escolher, nesta edição da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, o tema “Arte e

tecnologia: novas interfaces", desejou-se chamar a atenção de todos os participantes sobre a ampliação do significado da atividade de leitura, demonstrando a riqueza que emana das linguagens artísticas ao lado do processo de significação de livros especialmente selecionados para alimentar o debate em torno desse importante tema.

As inovações tecnológicas têm permitido uma aproximação de todas as camadas da sociedade de manifestações artístico-culturais, tradicionalmente reservadas aos representantes das camadas mais privilegiadas social, cultural e economicamente. A homenagem especial feita a Pedro Bandeira, considerado o escritor infanto-juvenil cujas obras são as mais vendidas no Brasil, foi a demonstração clara da importância da preparação dos leitores para que se envolvam, valorizem e se apropriem dessas manifestações no processo de construção do seu interior e de sua cidadania. É necessário desenvolver uma sensibilidade estética capaz de ampliar as competências de leitura de mundo das crianças, dos jovens e dos adultos, uma vez que o contexto em que se vive surpreende cada um e todos a cada momento pela emergência de inovações em todas as áreas.

A Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal têm realizado um esforço ímpar, desde 2001, para oportunizar a professores e alunos as Jornadinhas Nacionais de Literatura, movimentação cultural que objetiva a dinamização da leitura numa perspectiva multimidial entre crianças, pré-adolescentes e jovens, desenvolvendo um trabalho conjunto com escolas dos diferentes sistemas de ensino, estimulando professores e alunos para a leitura. A responsabilidade dessas duas instituições pode ser constatada também pelo cuidado com a preparação desses participantes por intermédio da Pré-Jornadinha – vivências de

leitura antecipadas para preparar cada leitor e estimular cada um e todos a desenvolverem um diálogo estimulador de novas leituras com os escritores convidados. Mais uma vez, foi oferecido o *Caderno de atividades* a cinco mil profissionais do ensino, com sugestões de práticas leitoras multimidiais realizadas sobre um dos livros de cada autor convidado complementando essa preparação, subsidiando professores e alunos.

Os encontros entre crianças, jovens e adultos no Circo da Cultura com escritores, contadores de histórias e artistas convidados estenderam-se às quatro lonas coloridas e às salas de teatro e de shows musicais, às experiências de navegação em computadores, à participação na Sopa de Letrinhas, encontro realizado no Centro de Convivência da UPF, além da visitação à Feira do Livro e do espaço da sessão de autógrafos, momento singular, extremamente significativo do encontro entre o leitor-obra-autor.

Um público de mais de 17 mil pessoas, entre inscritos e não inscritos, prestigiou as múltiplas ações da 5ª Jornadinha no âmbito da programação oficial e das atividades paralelas, demonstrando o entusiasmo dos professores que estimularam seus alunos a continuar participando dessa movimentação cultural que garante a formação de um leitor para toda a vida. Mais uma vez, é preciso relatar a surpresa de cada escritor com o nível das perguntas feitas pelos alunos, que foram cuidadosamente preparados por seus professores em diferentes tipos de escolas, pertencentes a distintos sistemas de ensino, por meio da leitura individual, do debate sobre o conteúdo dos livros e do compartilhamento de suas experiências a partir dessas leituras, atividades estas iluminadas pelo tema “Arte e tecnologia: novas interfaces”.

O momento também deve se caracterizar como elogio e agradecimento aos dirigentes das escolas, aos secretários municipais de Educação e Cultura, aos prefeitos, aos coordenadores regionais de educação, que se empenharam na aquisição de livros indicados para os participantes dessa edição da Jornadinha, o que possibilitou o envolvimento de crianças, jovens e adultos com materiais de leitura da melhor qualidade.

O conteúdo desta obra sintetiza as etapas mais que significativas da complexidade em que se constituiu a 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, abrilhantada pelo olhar vivaz e pela alegria dos pequenos e jovens leitores.

Os organizadores

Abertura da 5ª Jornadinha

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

É com muita alegria, com muita emoção, que nós recebemos, em nome da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal, todos os alunos aqui presentes, todas as professoras, todas as pessoas que se envolveram com a leitura dos escritores aqui presentes. É dentro dessa vontade, desse gosto pela leitura, que nós nos reunimos aqui, na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura. Nós lemos muito e hoje queremos ouvir todos os escritores convidados para este momento. O nosso escritor homenageado é Pedro Bandeira, que já vendeu vinte milhões de livros.

Eu quero agora fazer uma homenagem ao Roberto Pioverano Zanatta, que escreveu um livro especial, solicitado por mim, para a 5ª Jornadinha. Infelizmente ele ficou doente durante um ano. Enquanto esteve doente, ele atendeu ao meu pedido e escreveu o livro *O caça monstros*. Mas a doença foi mais forte que ele, e hoje ele é uma estrela. Roberto Pirovano Zanatta não está mais entre nós, estão aqui seus colegas, seus amigos. Nós vamos assistir a um filme que foi feito sobre a sua vida, e com isso nós estamos homenageando todas as crianças que gostam de escrever e que também escreverão seus livros.

Cesar Augusto dos Santos

Oi, vocês gostam de circo? Eu também. Vocês sabem que, quando eu tinha a idade de vocês, não existia computador, não existia televisão, nem *videogame*, e eu tinha de inventar meus próprios brinquedos. Mas tinha sempre um circo que se instalava ao lado da minha casa. Então, desde pequeno adoro circo e acho que, de tanto ir ao circo, fiquei careca. Mas é verdade, adoro muito circo, mas nunca em toda a minha vida tinha visto um circo como este. Um circo, onde, além dos palhaços e dos trapezistas, também entram os livros. Então, aproveitem este espaço do circo e da leitura. Muito obrigado.

Adil de Oliveira Pacheco

Cumprimentando a todos, aos professores, meus colegas, gostaria de, em nome da UPF, homenagear a professora Tania, porque a partir dela a Jornada se torna realidade. A Universidade de Passo Fundo se sente bastante honrada em receber todos vocês, porque o motivo da Jornadinha são vocês, os jovens, os professores, que transmitem os conhecimentos a todos vocês. Tenham uma boa Jornadinha, divirtam-se, aproveitem a estrutura da universidade, o circo, e sejam vocês os líderes de amanhã, porque é em vocês que nós apostamos

Maria Augusta D'Arienzo

Trago aqui um abraço carinhoso do prefeito de Passo Fundo, senhor Airton Lângaro Dipp, e do vice-prefeito, Rene Ceconello, trazendo o compromisso da administração municipal com a promoção do livro e da leitura, através da Secretaria Municipal de Educação e da Universidade Popular. Professora Tania, nós já estamos escutando o grito do Circo da Cultura, deste espaço onde se vive a educação, a cultura e a tecnologia. Então, queria terminar minha saudação a vocês lendo um verso do escritor Mario Quintana.

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.

Eu espero que vocês recebam muitos pássaros. Muito obrigada.

Conversa com escritores

Pedro Bandeira

Pedro Bandeira – Queridos, estou aqui no Rio Grande do Sul, num dos estados mais cultos do Brasil, o estado que mais trabalha pela educação, onde os níveis educacionais são bem melhores do que em muitos estados brasileiros, que, infelizmente, ainda estão, culturalmente, muito atrasados. Então, é muito gostoso eu estar falando com vocês, poder trocar ideias. Faz muitos anos que escrevo para vocês. É a melhor profissão que alguém pode ter na vida, receber e-mail, cartas, comentando o que se fez... Como é bom. Ontem, uma menina maravilhosa, de 12 anos, chegou para pegar autógrafo. A menina deve ser um gênio, pois me deu uma ideia genial para mais uma aventura com *Os Karas*: uma história na qual o doutor QI fugisse da prisão e resolvesse acabar com todos os livros. É uma ideia maluca. Eu queria ter o nome dela, porque, se eu fizesse a história, queria dedicar a ela. Mas agora vamos fazer o seguinte, vamos transformar isso num gostoso diálogo,

pois sei que vocês todos leram livros e alguns querem fazer perguntas.

- Qual é a obra que você escreveu que mais gosta?

Pedro – Eu não fiz ainda, mas ainda vou fazer.

- O que tu sentes quando escreves teus livros?

Pedro – É muito divertido. Gosto de contar história, inventar história para divertir meus leitores. Fico triste quando a história está ruim, mas, quando ela começa a ficar boa, fico bem feliz.

– De onde surge tanta inspiração para escrever os livros?

Pedro – Minha inspiração são vocês, a vida de vocês, a alegria de vocês, a tristeza de vocês. Eu fico pensando em vocês o tempo todo.

– No livro *O medo e a ternura*, você fala bastante sobre sonhos. Você acha que tem como conciliar o sonho no nosso dia a dia, ou é uma coisa à parte: sonho é sonho, realidade é realidade?

Pedro – Às vezes a tua imaginação muda a realidade. Sem sonho a vida seria muito chata, sem a gente almejar coisas, sem a gente sonhar em mudar coisas. Se você fizer a coisa certa, seu sonho se realizará. Sim, vamos sonhar.

– Seu próximo livro será de poesia?

Pedro – Eu tenho alguns livros de poesia, mas para crianças. *Cavalgando arco-íris*, *Mais respeito eu sou criança, Pequeno pode tudo*. Também há poemas no livro *A marca de uma lágrima*, onde a personagem Isabel faz poemas, lindos poemas.

– A nossa turma leu e adorou *O fantástico mistério da feiurinha.* Qual a inspiração para escrever esta história?

Pedro – Sempre gostei de conto de fadas. No colo da minha mãe ouvi a história da Branca de Neve e tremi de

medo da bruxa, adorei os sete anõezinhos. No colo da minha mãe ouvi a história de Chapeuzinho Vermelho e tremi de medo do Lobo Mau. Cresci com os contos de fadas. *Feiurinha* é um conto de fadas que inventei usando as outras heroínas também. É a minha homenagem do meu amor pelos contos de fadas.

– Nós lemos a obra *Agora estou sozinha* e gostaríamos que você comentasse um pouco sobre a questão da intertextualidade presente na obra.

Pedro – É uma história muito interessante. Eu gostava muito de *Cyrano de Bergerac* e fiz *A marca de uma lágrima*. Outra peça antiga da qual eu gostava muito era *Hamlet,* de William Shakespeare. Um dia eu estava em Porto Seguro e o livro *Hamlet* estava em cima da mesinha. Meu filho passou e disse: "Engraçado, pai. O Hamlet lido de trás para frente dá Telmah." Então, transformei o Hamlet numa guria chamada Telmah, a personagem de *Agora estou sozinha*, a qual vive os mesmos problemas de Hamlet, os mesmos monólogos de Hamlet, o mesmo tema de *Hamlet*. Fiz isso também no livro *A hora da verdade*, em que uso *Otelo*, de Shakespeare. Sempre procuro fazer essa intertextualidade, usar e recriar em cima de grandes obras do passado, que me tocaram.

– Qual a sua opinião sobre o tema da Jornadinha "Arte e tecnologia: novas interfaces"?

Pedro – Acho que é muito bacana que surjam novas tecnologias, o tempo todo estão surgindo novas tecnologias, o que só vem para melhorar a vida da gente, não vem para apagar o que está atrás. Então, haverá internet, mas haverá também teatro, jornal, livro, televisão. As coisas só vêm para somar. Hoje em dia é tão mais fácil pesquisar na internet do que pesquisar numa enciclopédia, numa bi-

blioteca; você consegue chegar mais depressa à informação. Então, a tecnologia só vem para melhorar. Não temo nada a respeito disso.

– Em que momento da sua vida você se descobriu escritor, essa maneira de chegar tão perto das pessoas com as suas histórias?

Pedro – Eu sempre vivi de escrever, como jornalista. No entanto, jornalista só escreve aquilo que o chefe de reportagem manda escrever, não escreve o que quer. Mas comecei a fazer um trabalho extra numa editora, histórias curtas para revistas de bancas, histórias para adolescentes na revista *Capricho*, histórias para criança, naquelas revistinhas infantis. Porém, a revista de banca é uma coisa efêmera; hoje tem, amanhã já não tem mais. Então, resolvi fazer um livro e gostei. Fiz um livro chamado *O dinossauro que fazia au-au* e, em seguida, *A droga da obediência*, que foi um enorme sucesso. Então abandonei o emprego e passei a viver só de escrever livros.

Ignácio de Loyola Brandão

Eu nasci numa cidade do interior de São Paulo, Araraquara. Naquela época, quando eu tinha dez anos, a coisa mais complicada e mais perigosa que existia eram os escorpiões. O escorpião era um bicho que, se te desse uma mordida, você gritava 24 horas sem parar. Então, tínhamos muito medo de escorpião e as mães tinham muito medo de que a encontrássemos algum, ou fossemos picados por um escorpião. Mas a gente sabia de uma coisa: que se colocasse um escorpião dentro de um círculo de fogo, sem ter o que fazer, sem ter defesa, ele daria uma picada nele mesmo e, como o seu veneno é muito forte, ele se mataria.

E aí, nós, crianças, queríamos saber se era verdade ou não que os escorpiões se matam quando cercados de fogo. Assim, decidimos um dia, todo o meu grupo, caçar escorpiões e colocar no meio de um círculo de fogo. E aí um foi arranjar algodão para fazer o círculo, outro foi arranjar o álcool, o outro foi arranjar o fósforo e para mim, que era o menor, que era o mais magro, me deram a incumbência

mais perigosa, que era de caçar um escorpião. Eu não sabia como se caçava escorpião, tinha muito medo, Então arranjei primeiro uma caixa de sapato e fiquei andando pela cidade, no meio do mato, pois escorpião sempre se esconde debaixo de pedra.

Num determinado dia vi um escorpião correr para baixo de uma pedra. Levantei a pedra, ele saiu correndo e eu corri atrás dele, mas ele desapareceu. Na verdade, fiquei muito contente quando ele desapareceu, porque eu tinha na verdade medo dele, não queria caçar aquele escorpião. Procurei outro, até que um dia achei um escondido. Com um pau, joguei-o para dentro da caixa, fechei a tampa e levei para casa. Amarrei a tampa para ele não fugir e deixei embaixo da minha cama, mas, com muito medo de que ele fugisse e me picasse de noite, eu não dormia; a toda hora eu acordava e ia olhar o escorpião.

No dia seguinte, quando todos os meninos se reuniram para fazer a prova, para saber se era verdade que o escorpião, quando cercado pelo fogo, se matava, levei a caixa. O fogo foi aceso e eu tinha que jogar o escorpião no meio. Mas nesta hora fiquei pensando: Por que matar um bicho daquele? Fiquei pensando: Para que serve o escorpião? Ele é muito perigoso, mas será que não é perigoso só quando é atacado para se defender. Para que matar se a vida dele era muito mais importante? E os meus amigos gritando: "Põe no fogo, põe no fogo!" E eu não punha o escorpião no fogo. Foi quando vi avançando para mim o mais forte da turma, que me disse: "Vai ou não vai pôr o escorpião no fogo?" Nessa hora eu decidi que o escorpião merecia viver. Quando vi aquele cara enorme, brabo, que vinha me bater, abri a caixa e, ao invés de jogar o escorpião no fogo, joguei em cima dele e saí correndo.

Assim termina esta pequena história, que lembrei e acabei escrevendo em forma de livro com o título *Os escorpiões contra o círculo de fogo*. É uma história de aventura, de medo, de terror e de significação, porque a vida é mais importante que a morte e todos têm direito à vida, o que nós devemos respeitar. Essa é a pequena história que eu queria contar para vocês.

Hermes Bernardi Jr.

Estou muito feliz de estar aqui com vocês na Jornadinha. É a primeira vez que venho aqui e já encontrei um monte de rinocerontes dobrados por ali e, diferentemente do Loyola Brandão, eu não tinha escorpiões na minha infância. Nasci no Rio Grande do Sul, em São José do Ouro. Após ler *As aventuras do avião vermelho*, de Erico Verissimo, viajar de "avião-cinamomo" passou a ser a brincadeira predileta. Eu brincava em cima das árvores, por causa da história deste livro. Eu tinha nove anos quando li esta história e recomendo a leitura do livro para vocês.

Fui uma criança muito divertida, que brincava em cima de árvores, tomava banho de sanga, tirava carrapato dos bichos lá no brete. Agora eu moro em Porto Alegre, vivo cercado de um monte de prédios e tentando, quando escrevo, manter viva a criança que fui.

Anna Claudia Ramos

Tudo bom, pessoal? Nasci no Rio de Janeiro, em Copacabana, onde moro até hoje. Eu tenho a sensação de que nasci no lugar errado, porque, quando era pequena, queria ter nascido numa fazenda.

Desde que eu era bem pequena, da idade de vocês, eu já tinha o desejo de ser escritora. Tive esta vontade de ser escritora, porque um dia eu li um livro chamado *A bolsa amarela*, da escritora Lygia Bojunga, que recomendo, porque é um livro muito legal. Agora lancei recentemente um livro que se chama *A história de Clarice*, para homenagear algumas histórias de que eu gostava muito. No livro faço uma conversa com *A vendedora de fósforos* e *O soldadinho de chumbo*, de Hans Christian Andersen, e *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, porque nessas histórias descobri a minha imaginação de menina, aquela menina inventadeira que iria morar nos livros sem precisar ter feito grandes viagens pelo mundo afora para inventar, porque a invenção maior estava dentro da cabeça. Então, a minha

fazenda imaginária pôde existir, mesmo morando no Rio de Janeiro, espremida entre prédios.

– Como você começou a escrever?

Loyola – Eu sou escritor desde que era criança. Comecei a escrever na escola aos dez anos e comecei a escrever as minhas aventuras, a minha vidinha, numa cidade pequena do interior.

Hermes – Acho que comecei a escrever na imaginação, porque não necessariamente se precisa começar escrevendo no papel ou no computador. Tem de ter a cabeça muito aberta para depois escrever sobre isso. Acho que criança sabe fazer isso melhor que gente grande, porque a criança brinca, inventa. Lancei meu primeiro livro em 1998 com o título *Abecedário alegre do porto.*

Anna – Comecei a escrever quando era menor do que vocês e inventava as minhas histórias. Como não sabia nem ler e escrever, eu falava para a minha irmã: "Escreve a história que está aqui na minha cabeça." E não é que ela escrevia! Eu achei essas histórias guardadas na casa da minha mãe. Lancei o meu primeiro livro em 1992 com o título *Pra onde vão os dias que passam?*

– Quando vocês vão escrever um livro novo, como vocês se inspiram?

Hermes – Acho que, de certa forma, para todos os escritores é assim. Por exemplo, estou passando na rua e passa a mãe com o filho, e o menino diz uma coisa muito legal. Eu ouço aquilo, que, então, pode ser material para escrever um livro. A vida real está cheia de coisas legais. Por exemplo, aqui tem quatro lonas coloridas, todas cheias de crianças. Está cheio de história no ar. É só a gente pegar e levar para casa para trabalhar e pronto. É só ficar um pouquinho prestando atenção no mundo real, que é muito

mais bonito que o mundo do faz-de-conta. No mundo real tem gente de carne e osso, que às vezes sorri, às vezes fica emburrada, às vezes o olho pisca, às vezes dorme. É daí, da vida real, que sai tudo o que se escreve.

Anna – Pode ser de maneiras tão diferentes. Por exemplo, aqui, de repente a gente escuta uma conversa ali, e uma conversa com uma ideia ótima. Então, as histórias podem aparecer no nosso cotidiano, podem aparecer a partir de uma música, de um tema. No meu caso, às vezes vêm de uma conversa com os meus filhos, de uma cena que vejo na rua, de uma lembrança da minha infância; podem vir de diferentes lugares. A história que estou inventando agora vem de uma pessoa que conheci. É uma pessoa muito fechada e, por conta disso, eu quis escrever uma história para essa pessoa inventando coisas bem legais.

– Anna, no que você se inspirou para escrever o livro *As Marias?*

Anna – *As Marias* é um livro para criança, e foi muito especial fazer, porque nasceu de uma ilustração. Eu estava num evento chamado Salão do Livro no Rio de Janeiro e uma ilustradora fez um desenho de uma menina sentada numa tartaruga, lendo um livro. Eu me apaixonei por aquela imagem e falei: vou escrever uma história para esta menininha. Chegando em casa, veio a ideia de uma menina que queria muito estudar, mas não tinha como, como várias Marias espalhadas pelo Brasil. A minha filha, que é muito preguiçosa para estudar, disse que ela não ia se sentir representada naquele livro. Então, por conta dela, criei duas Marias: a que queria estudar, mas não tinha como, e a que tinha como, mas não gostava. Foi uma parceria muito grande com a minha ilustradora, Elma, porque num determinado momento do livro eu paro de contar a história

com palavras e quem conta o resto da história são as imagens; depois volto para a palavra.

— E no livro *Sempre por perto*?

Anna – Este livro me deu muito trabalho. Ele teve dois momentos: o *Sempre por perto* conta a história só de uma filha tentando entender o pai, mas achei que o livro não estava pronto e deixei guardado. Anos depois, fui procurada por uma editora que queria que eu escrevesse uma história sobre o tema da homossexualidade. Então, comecei a fazer uma pesquisa muito grande e descobri que não tinha nenhum livro do ponto de vista feminino; todos os livros eram do ponto de vista masculino. Conversei com muitas pessoas, foi uma junção de várias histórias que ouvi para criar esta Clara. Sobretudo me incomodava, profundamente, a falta de respeito pelo diferente. Penso que temos o direito na vida de escolher o que queremos ser, e isso não depende de raça, de sexo. Eu queria mostrar que é uma história de amor, não interessa se é entre um homem e uma mulher, se é entre dois homens ou entre duas mulheres. Uma história de amor merece ser respeitada. Nesse ponto creio na Clara adulta, pensando a sua vida inteira, em *flashback*, para mostrar que ela era uma pessoa feliz, que tinha uma vida feliz do jeito como ela era.

Gian Calvi

Eu sou Gian, moro em Petrópolis, perto do Rio de Janeiro. Faço livros e outras coisas que procuram ajudar a mim mesmo e aos outros a pensar em criatividade. A gente tem um programa que se chama *Crianças criativas.* Se vocês entrarem no *site* www.criancascriativas.com.br, poderão ver os livros, os filmes e os bonecos que fazemos. Eu queria lembrar que todos nós, todos vocês, somos criativos. A questão é: será que estamos botando para fora as nossas ideias, escrevendo, desenhando, tirando foto?

Ivan Zigg

Pessoal, vamos aproveitar este tempo, que é muito pequeno, e fazer perguntas para os escritores e ilustradores. Querem uma sugestão? Perguntem coisas assim: como é que eles fazem para criar as histórias, ou qual técnica que usam. Eu acho que eles vão gostar dessas perguntas, eu vou adorar isso. Meu nome é Ivan Zigg e estou aqui para bater um papo com vocês hoje sobre livros.

Odilon Moraes

Sou o Odilon e vou contar por que eu estou aqui numa jornada literária. Embora tenha escrito alguns livros como *Pedro e Lua*, que alguns de vocês conhecem, sou ilustrador. Todo mundo sabe que tem livro que não tem palavra nenhuma. Qualquer livro onde existe ilustração tem duas escritas: uma que é feita com palavras e outra que é feita com imagem. Eu tenho poucos livros como escritor de texto, mas tenho vários livros em que escrevi e desenhei. Por isso, estou aqui. Agora vou esperar as perguntas de vocês para poder falar um pouco mais sobre o que faço.

– Por que você fez a tartaruga ser Lua?

Odilon – Eu fiz a tartaruga ser Lua porque neste livro, à medida que era escrito, percebi que tinha uma brincadeira grande com as palavras. O Pedro, que significava pedra, era um menino que tinha a cabeça na Lua. Então, eu precisava de alguém que fosse um personagem com os pés no chão, seria o oposto do "cabeça na lua". Uma amiga ganhou uma tartaruga e um dia me ligou dizendo que não

sabia como chamar a tartaruga porque ela parecia uma pedra. Aí eu falei: "Chama Lua, porque a Lua parece pedra."

– Qual a inspiração para escrever os teus livros?

Ivan – Às vezes é uma música. Tenho um livro que antes era uma música. Você pode fazer um livro com mil inspirações: pode fazer sobre sua irmã que brigou com você, pode fazer sobre uma coisa que só você está vendo. Acho que os livros funcionam assim; só você sabe o que está acontecendo com você. Então, se você tem um sonho, pode ter um livro. O negócio é você tentar sonhar bastante e colocar no papel.

– Qual é o livro que você ilustrou e de que mais gostou?

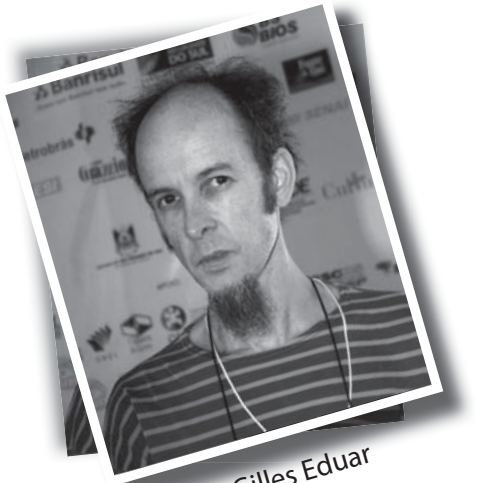
Odilon – É difícil falar do livro de que mais gostei, porque livro é igual a filho ou amigo. Às vezes você está brincando com um amigo, naquela hora ele é o seu melhor amigo, mas no dia seguinte você está brincando com outro, e aquele passa a ser o amigo de que você mais gosta. Geralmente, gosto do livro que estou escrevendo ou ilustrando no momento.

– Nós gostaríamos de saber o que te incentivou a escrever o livro *Agora estamos em paz*?

Gian – Tem muita gente brigando, tem muita gente violenta, que assalta, que briga, muita guerra. O livro *Agora estamos em paz* é para lembrar que, se a gente é amigo um do outro, se você dá um bom-dia, um abraço, estamos em paz.

Jótah

Sou desenhista e animador de programa de televisão, mas para mim é mais fácil ser desenhista. O meu trabalho aparece no *Aladim* da Disney, na turma da Mônica, junto com o Maurício de Sousa. No castelo *Rá-tim-bum* da TV Cultura tem um pouco do meu trabalho, e também em muitos livros. A Tatiana Belinky, a Ruth Rocha, a Ana Maria Machado e o Flávio de Souza são alguns autores de quem tive a honra de ilustrar alguns livros. Como somos desenhistas – eu, o Gilles e o Mario –, nós vamos bater um papo com vocês desenhando.



Gilles Eduar

Comecei a fazer livros para criança depois de trabalhar um ano numa livraria infanto-juvenil, onde tinha um monte de livros. Eu mal conhecia este universo dos livros para crianças e, quando entrei, logo no primeiro dia gostei muito. O primeiro livro que escrevi se chama *As asas do crocodilo* e é a história de um dragão, o Juca, que achava que era um jacaré.

Mario Bag

Eu sou ilustrador, desenhista. Desenho desde criança, mas chegou uma época da minha vida em que tive de escolher uma profissão, e escolhi ser desenhista. Trabalhando na revista *Ciência Hoje das Crianças*, tive contato com o público infantil. Um dia apareceu uma matéria na revista, um texto sobre folclore, e eu me interessei e comecei a estudar, pesquisar. Então, escrevi dois livros, que são o *13 Lendas brasileiras* e *Papa-Figo e outras lendas do Brasil,* para o público infanto-juvenil.

– De onde surgiu a ideia de escrever o livro *Zeca Catatrecos*?

Jótah – É a história de um menino que catava lata, ferro velho na rua, mas também muitos livros, gibis, e inventava brinquedos com as coisas que encontrava. Não é somente uma questão de reciclagem, mas de reutilização de material. A ideia desse livro nasceu da história da minha vida, pois eu fui um menino que catava papel na rua.

- De onde você tira inspiração para fazer os desenhos? Quais os livros que você já ilustrou?

Mario –*13 Lendas brasileiras* e o *Papa-Figo e outras lendas do Brasil* sobre folclore vieram de Monteiro Lobato, que foi o grande divulgador do saci, e Ziraldo. Quando eu era criança, foi lançada a revista *Pererê,* de história em quadrinhos. O personagem Pererê de Ziraldo conseguiu transformar o menino negro das lendas nacionais numa criança que, embora fosse normal, possuía todos os poderes mágicos de um saci. As outras criaturas imaginárias, tipo bicho-papão, que não têm uma forma muito definida, eu tiro da cabeça. Vocês, quando estudam e leem muito, desenvolvem a imaginação; por isso, nunca deixem de ler e de estudar.

Fernando Vilela

Estou muito feliz vendo vocês todos aqui pertinho. Eu quero fazer três perguntas para vocês: Quem gosta de desenhar? Quem gosta de inventar histórias? Quem aqui gosta de brincar? Sabem por que perguntei isso? Quando nós somos pequenos, gostamos de brincar de algumas coisas e, quando crescemos, brincamos de outras coisas. Para mim, escrever histórias, desenhar e ilustrar é brincar. Eu me divirto muito fazendo os livros, ilustrando e escrevendo as histórias. Quando tinha a idade de vocês, os meus pais me estimularam muito a desenhar. Eu era um aluno que não era muito bom na escola, pois gostava de ficar desenhando, era distraído e gostava também de contar muita mentira. Dizem que quem inventa mentiras geralmente é um bom contador de histórias.

Flávio Paiva

Eu não conhecia Passo Fundo e estou muito feliz de estar aqui. Desde que eu era pequeno, do tamanho de vocês, sempre gostei muito de inventar músicas e histórias, de contar coisas. De tudo o que eu via tentava entender o que aquilo estava me dizendo. Algumas experiências a gente vive diretamente, outras são escritas ou contadas por pessoas mais velhas, que já contaram para nossos pais, para nossos avós, na escola onde estudamos, e isso vai fazendo com que a gente vá crescendo, vá gostando de transformar a vida numa grande aventura.

Marilda Castanha

Como Fernando Vilela falou, começamos contando, às vezes, um pouco de mentira, mas o que vou contar aqui para vocês, eu juro, é verdade. Eu resolvi fazer um computador para mim. Não preciso de manual, não preciso de assistência técnica, pois sei mexer, e os meus filhos também conseguem mexer junto comigo. Nós criamos um computador assim, meu *notebook*, que vem daqui, da minha cabeça, da criatividade, assim como esses dois livros de que gosto muito: o *Agbalá* e o *Pindorama*. Antes de publicar o livro, antes de mandar para a editora, a gente precisa de duas coisas, conhecimento e vivência de alguma coisa, ou seja, uma pergunta. Às vezes as histórias nascem de uma pergunta e da criatividade da gente, da imaginação, assim como esse computador de papelão, que nasceu do mesmo lugar no qual nasceram essas histórias.

– Você gosta de ler livros?

Fernando – Gosto muito. Acho que depois que comecei a ilustrar livros virei um leitor mais assíduo de livros. Quando tenho tempo, a minha diversão é ir à livraria ou à biblioteca, na seção de livros infantis. Eu pego uma

pilha de livros e passo horas e horas lendo livros. Eu leio os livros, primeiramente, porque gosto e, depois, para me inspirar; também porque, para quem inventa muita imagem para os livros, é muito bom ver o que os outros artistas estão fazendo. Por exemplo, quando vou fazer uma ilustração de jacaré, além de pesquisar na internet, vou à livraria e leio as histórias de jacaré, vejo os desenhos. O livro na minha vida tem um espaço muito grande e de muito prazer.

– O que os motivou a se tornarem escritores?

Marilda – Primeiramente, tem que ler muito. Mas eu não comecei escrevendo livros, comecei ilustrando livros. O primeiro livro que fiz era um livro sem texto, um livro sem palavras. Eu imaginava que cada desenho podia contar uma história. Foi o meu primeiro livro autoral, um livro só de imagens, que temos de ler com os olhos.

Flávio – O primeiro livro que escrevi nunca publiquei, fiz um único exemplar. Eu nasci no interior e fui morar em Fortaleza. Então, escrevi um texto que era uma conversa de dois, mas no fundo eu estava conversando comigo mesmo. Eram as minhas dúvidas sobre a cidade, sobre o que eu estava encontrando, sobre o que eu devia fazer ali. Isso nunca publiquei, está escrito num caderno, e é curioso eu estar colocando isso para vocês, porque não necessariamente escrevemos para publicar. É claro que, quando escrevemos e queremos compartilhar com os outros, publicamos.

– Qual a maior dificuldade para vocês escreverem?

Fernando – Tem livro que é fácil, de cuja história você tem a ideia. Você começa a escrever, a imaginar, e em pouco tempo já tem a história pronta. No entanto, tem livro que é complicado, pois, quando está chegando ao final,

diz: “Nossa, está muito besta este final.” Então, você fica quebrando a cabeça para achar um final melhor. Eu geralmente tenho uma dificuldade maior com os personagens. Tem um livro que escrevi que se chama *Lampião e Lancelote*, com dois personagens muito fortes. O Lancelote é o cavaleiro e o Lampião, o cangaceiro. Escrevi o texto, a história e, quando comecei a ilustrar o texto que tinha escrito, disse: “Mas se eu vou desenhar como escrevi, vai ficar muito óbvio, muito igual, porque a ilustração vai figurar o que o texto está dizendo.” Foi um dos momentos mais difíceis para mim, mas acabei arranjando uma saída.

Marilda – A maior dificuldade é cumprir o prazo, porque eu sempre atraso. Isso porque o livro fica gostoso de fazer, às vezes a gente quer mudar. É igual quando a professora diz: “Anda, gente, está na hora de ir para o recreio.” Então, fico querendo continuar e a minha professora, que no caso é o editor, fica dizendo: “Marilda, tem que terminar.” Então, a dificuldade é terminar no prazo.

Flávio – Eu tenho duas dificuldades principais. Uma é escrever. Eu não tive a oportunidade que vocês estão tendo de conversar com autores, de ter esta vivência com a literatura tão cedo. Então, tenho muitas deficiências na parte da produção do texto. Eu não consigo organizar na mesma velocidade do pensamento o que quero escrever, tirar aquilo que está na imaginação e colocar no papel com muita facilidade. Outro aspecto é que esta não é a minha atividade principal, pois sou jornalista. Eu vivo também uma angústia de ter muitas ideias para fazer muito livros, ter muita coisa para contar, mas não dispor de tempo.

– Por que você decidiu escrever um livro todo com rimas?

Fernando – A rima, para mim, é um jogo, é uma diversão. Para mim, escrever rimado é um desafio. Tem dois desafios: um, dar conta de uma história com começo, meio e fim; outro, dar conta de que cada estrofe fique divertida, que tenha rimas inteligentes. Eu me divirto muito. Por isso escolhi escrever rimado.

Carlo Frabetti

Eu sou italiano, porém vivo na Espanha e cheguei aqui em Passo Fundo saindo da cidade de Madri. Estou muito feliz de estar aqui nesta Jornadinha, com tanta participação de jovens leitores e leitoras. Alguns dos meus livros para crianças e jovens foram traduzidos para o português, e o último deles se chama *Calvina*. É a história de um menino ou menina, porque não se sabe se é menino ou menina, que não aceita que lhe coloquem etiqueta, porque o mundo nos põe etiquetas e nos diz como temos de ser. Outro dos meus livros se chama *Alicia no país dos números* e está inspirado no livro *Alice no país das maravilhas*. É a história de uma menina que odeia a matemática. Esta menina viaja ao país dos números e descobre que a matemática não é tão horrível como parece.

Mario Teixeira

Vou falar sobre os meus livros. O primeiro se chama *Salvando a pele*, uma aventura ecológica; o segundo é *O Golem do Bom Retiro*, e estou aqui para falar dele. É a história de uma criatura mítica chamada Golem; é uma variação brasileira sobre a lenda. Também escrevo para televisão. Eu trabalho na TV Globo e a gente pode falar sobre isto também. Sempre que vou falar dos meus livros, querem saber das novelas. Então, estou aqui à disposição.

– Tu gostas mais de escrever novelas ou de escrever livros?

Mario – Eu tenho o mesmo compromisso escrevendo uma novela ou escrevendo um livro. Procuro chegar bem perto do espectador ou leitor, com o mesmo grau de seriedade. Gosto de fazer as duas coisas.

– Quando você escreve uma novela, você vai fazendo enquanto ela está sendo exibida ou você já escreve tudo no início?

Mario – A história é um trabalho em progresso, um trabalho que vai mudando à medida que a gente escreve, porque é muito longo. Uma novela tem, no mínimo, 160

capítulos, que fica oito meses no ar; é um tempo muito grande de nossa vida. Então, a ideia inicial nunca se perde, sempre está lá, mas muda muito à medida que estamos escrevendo, porque não escrevo sozinho. É uma equipe, que tem de estar bem antenada, bem sincronizada, para escrever de uma forma coesa, uniforme.

– Eu queria saber se a matemática é tão difícil na Espanha como é aqui no Brasil?

Carlo – A matemática em si não é difícil, é a coisa mais simples do mundo, porque é uma questão de pura lógica: cada questão se desprende naturalmente da anterior. O que acontece, e eu conto no meu livro, é que é ensinada muito mal. Não é culpa dos professores, e sim dos programas de estudo, que querem que os jovens aprendam muitas coisas superficialmente, ao invés de poucas coisas em profundidade. Eu dei muita aula de matemática e vi que as crianças, quando você ensina com calma e profundidade, aprendem.

Ernani Ssó

Na verdade, eu não queria ser escritor, o meu sonho era ser mágico, mas eu jamais consegui segurar as cartas para jogar burro. Depois, eu queria ser detetive particular, queria investigar, saber os segredos das pessoas. Mas acabei escrevendo, o que, no fundo, talvez seja uma espécie de ser mágico e detetive particular de outra forma, porque conseguir bolar uma história fantasiosa saindo de dentro da cabeça é uma espécie de magia. Hoje, se pudesse escolher, gostaria de ser cozinheiro. Lá em casa eles sofrem nas minhas mãos. Bom, eu tinha um amigo que tinha uma filha pequena e sempre me pedia que eu escrevesse histórias para ela. Eu tentava escrever, mas não conseguia. Só consegui escrever a primeira história infantil, quando pensei em ter um filho. Quando o meu filho nasceu, passei a escrever dezenas de histórias para poder contar para ele todas as noites. Foi assim que comecei a escrever.

Júlio Emílio Braz

Há trinta anos, eu só virei escritor por um problema: fiquei desempregado. Eu trabalho desde os 12 anos e, em 1980, era técnico em contabilidade e estava estudando para ser professor de história, o meu grande sonho. Só que acabou o emprego, minha faculdade foi para o ralo e, para piorar, eu tinha de ajudar em casa, porque sou o filho mais velho. Como não aparecia emprego, nessa hora valeram bem os conselhos da minha mãe. Minha mãe, que só sabia escrever o nome, dizia que homem que tem imaginação e vergonha na cara, quando não arranja emprego, faz o óbvio: inventa um. Como não achei emprego, inventei um. Na verdade, inventaram para mim. Eu tinha um amigo que trabalhava numa editora e estava fazendo histórias em quadrinhos de terror, e lá estavam precisando de roteiristas. Eles criaram seis revistas de terror, arranjaram 32 desenhistas, mas esqueceram o principal: quem escrevesse as histórias. Fui lá me oferecer sem nunca ter escrito histórias em quadrinhos, detestava terror, mas a minha vida era o próprio terror, pois já tinha acabado o dinheiro da in-

denização, a terceira cobrança da conta de luz já tinha chegado, significando que a quarta não viria, viria o homem da companhia elétrica para cortar a luz. Depois de uns cinco anos, descobri uma coisa maravilhosa: eu estava vivendo de escrever, ou seja, aquilo que eu fazia na escola só para ganhar nota boa em redação acabou virando a minha profissão. Aquilo que dizem que brasileiro não gosta de ler é uma bela mentira, porque tem alguém comprando meus livros, senão eu não estaria pagando minhas contas em dia. Eu sobrevivo de escrever, mas tenho um filho que agora é roqueiro. Filho roqueiro é muito caro, tem que comprar guitarra, amplificadores, palhetas. É duro ser pai de adolescente, mas ele vai virar um roqueiro famoso, vai ganhar milhões e eu vou pedir a devolução do meu dinheiro em euros. Por enquanto, tenho que escrever bastante. Tenho 159 livros publicados e não posso falar de todos eles, mas uns são mais famosos que os outros. Por exemplo, o que mais vendeu até hoje se chama *Enquanto houver vida eu viverei*. Tem o meu livro mais publicado no exterior, mais lido e premiado no exterior, que se chama *Crianças na escuridão*; tem *Abre-te, Sésamo*, *Felicidade não tem cor*. Adoro o que faço, e o melhor é que me pagam para fazer isso. Eu tenho que ser um cara feliz.

Índigo

Eu adoro escrever, escrevo todos os dias. Estou sempre trabalhando num livro e adoro criar mundos imaginários. Gosto de criar personagens e me transformar nesses personagens. Comecei a escrever com 12 anos, quando ganhei um diário – naquela época todas as meninas da escola escreviam diário. Com 17 anos, as minhas amigas pararam de escrever, mas eu continuei e escrevo até hoje. No meu escritório tem prateleiras cheias de cadernos. Quando fiz 14 anos, descobri que meu bisavô também escrevia diário. Ele começou a escrever em 1908 e morreu em 1986, e eu já escrevia diários. Quando descobri essa coincidência, percebi que nunca mais iria parar de escrever, porque é uma obrigação com a minha família. Então, aos poucos esse diário foi virando uma obra de ficção. Eu tenho 22 livros publicados, e em muitos deles os personagens são bichos. O primeiro foi *Saga animal*, que é sobre um menino que quer um bicho de estimação, mas sua mãe não deixa. Então, ele começa a levar bichos para casa e a mãe o manda devolver os bichos, até que ele consegue o seu bicho. E o último livro

que publiquei é *Um pingüim tupiniquim*, que é a história de um pinguim entediado que foge, pega uma carona, chega ao Brasil e começa a viajar por terra.

– Qual foi o seu objetivo ao escrever o livro *Crianças na escuridão*, que é um livro com tanto drama?

Júlio – É um livro que fala sobre o dia a dia de um grupo de meninas de rua da praça da Sé; é o meu livro mais publicado fora do Brasil, mais premiado. A ideia para ele surgiu da leitura, porque li um monte de livros falando de crianças de rua, mas nenhum deles fala de meninas de rua. Assim, escrevi um livro falando do que é ser menina de rua e, por incrível que pareça, é o único até hoje. É o meu livro favorito dos cento e tantos que tenho publicado.

– Qual foi a sua inspiração para escrever *A infância roubada*?

Júlio – *A infância roubada*, a ideia inicial não foi minha, mas de uma escritora de São Paulo, chamada Telma Guimarães, que viu umas crianças catando laranja. Ela ficou com tanta pena das crianças que resolveu escrever um livro que falava sobre a Declaração Universal dos Direitos da Criança e mandou para uma editora, mas a editora recusou. Como trabalho muito com temáticas sociais, ela perguntou se eu não queria recontar a história. Joguei a Declaração fora e contei a história de dois irmãos, cujo grande sonho era ir para a escola estudar. Foi assim que surgiu o livro. Além do mais, eu fui trabalhador infantil, comecei a trabalhar com 12 anos.

– Qual a sua inspiração para escrever o livro *A maldição da moleira*?

Índigo – Eu me inspirei numa coisa que ouvimos falar sobre literatura infanto-juvenil, de que a história tem de ter muita ação. Eu queria fazer um livro no qual o perso-

nagem não pudesse andar, falar, sair do lugar, para provar que é possível fazer um livro legal sem toda essa ação. Primeiramente, comecei a pensar em cadáveres, mas, quando você trabalha com cadáveres, sempre eles viram zumbis e tudo acontece. Pensei numa história sobre bebezinhos, pois seria impossível ele começar a fazer coisas antes do tempo natural de seu desenvolvimento. Então, a ideia foi isso, pegar um personagem totalmente limitado e fazer uma história interessante com essas limitações.

– Por que você escreveu um livro sobre bruxas?

Ernani – Eu tenho uma porção de livros sobre bruxas, não é nenhum segredo. Quando era pequeno, eu tinha muito medo de bruxa, enxergava bruxa na porta do quarto. Morria de medo, achava que ela ia me agarrar na cama. Assim, quando fui escrever para crianças, a primeira coisa que pensei foi sobre o medo de bruxa. E eu acho que deu mais ou menos certo, porque quase toda criança tem medo de bruxa, de vampiro, de monstros.

– De todos os livros que você escreveu, qual foi o que mais marcou?

Indigo – Eu acho que foi o primeiro, *Saga animal*. Eu não sabia se conseguiria escrever uma história longa. Quando terminei, não conseguia uma editora, porque várias editoras recusaram publicar. Eu fiz por pura diversão, foi uma escrita muito maluca, pois escrevi do jeito que eu quis. Eu tenho um carinho muito grande por esse livro e as crianças gostam do livro. Eu começo a gostar dos livros depois que os leitores gostam.

– Em algum dos teus livros há personagens que você conhece, que existem na vida real?

Índigo – Escrevi um livro chamado *Como casar com André Martins*. André é um menino que existiu de verda-

de. Ele era o menino mais inteligente, mais lindo, melhor jogador de futebol, o mais querido das professoras, e todas as meninas da escola queriam casar com ele, eu inclusive. Esse livro é um livro de contos que fala da nossa obsessão pelo menino. Hoje ele é meio gordinho, casado, três filhos, careca, e eu morro de medo de ele descobrir este livro.

– Por que nos seus livros você aborda tanto os problemas sociais?

Júlio – Nós vivemos num país onde todo mundo é alegre, sorridente e feliz. Eu não sei por que estão rindo, mas estão rindo, alguém tem que botar o dedo na ferida. Infelizmente, nós, brasileiros, quando vemos um problema, olhamos para o outro lado. Mas quando você olha para o outro lado, o problema não some, só cresce. A gente prefere não ver e, quando você não vê, você não resolve. A escola deve ensinar o ser humano a pensar. Eu entro com a minha modesta colaboração. Abordo temas sobre os quais a maioria dos autores de literatura infanto-juvenil não gosta de trabalhar. Eu falo de sexualidade, falo de droga, falo de política. Por que brasileiro acha que falar em política é feio? Cara, até para descolar um beijo bacana da namorada é um jogo político, porque no início só você quer beijar. Então, você tem que jogar uma conversa muito bacana nela para ver se ela também quer te beijar.

André Diniz

André Diniz – Antes de tudo, queria agradecer a presença de vocês. Eu faço quadrinhos. Eu nem sabia escrever lá pelos meus cinco, seis anos, mas já criava os meus personagens, desenhava minha história, colocava preço e ia vender para os meus pais, que eram os únicos clientes que eu tinha. Desde cedo eu vi a fascinação que era contar histórias, criar personagens, escrevendo e desenhando. Aposto que deve ter muitos de vocês, principalmente os garotos que gostam de desenhar, que já criaram personagens, e o quadrinho é a coisa mais gostosa de fazer. Se você tem um lápis e papel, você já pode fazer a sua história.

O primeiro livro que escrevi não é de quadrinhos, mas tem todo o clima de quadrinho, *A incrível história do homem mais velho do mundo*. É a história de um senhor que chegou aos 199 anos com mais energia que muitos de vocês, e ele, pelo menos na minha ideia, é um herói. Mas por que ele é um herói? Ele não é forte, não tem músculos, não tem superpoderes, mas tem experiência. Imaginem quantas pessoas ele conheceu, ele esteve em todos os can-

tos do mundo, viveu todo o tipo de aventura. No livro, está com o seu tataraneto, um garoto de 13 anos, e eles partem para uma aventura. Eu gosto de fazer aventuras em outras épocas, na época da escravidão, na época do império. É muito legal a gente descobrir que tinha muita aventura. Esse livro foi escrito e desenhado por mim. Continua sendo minha paixão contar uma história através do desenho.

Rosana Rios

Eu sou autora de livros para crianças e para jovens, não escrevo para adultos, gosto é do público jovem. Dentro desse meu caminho, já publiquei muitos livros, estou agora no número 101. Escrevi roteiros para a televisão durante 11 anos. Depois descobri que escrever livros era muito mais legal do que escrever roteiro para TV. As pessoas sempre me perguntam quem me incentivou a ser escritora e, se eu sou escritora hoje, devo a uma pessoa muito especial, que é o lobo mau. Vocês conhecem o lobo mau, aquele que corria atrás dos porquinhos? Se não fosse o lobo mau, eu não seria escritora. Quando os meus filhos eram pequenos e eu contava histórias para eles, contava sempre contos de fadas. Acontece que meu filho mais velho só queria ouvir a história dos três porquinhos, toda noite. Quando eu enchi de tanto contar a história do lobo mau, comecei a inventar histórias, e assim virei escritora.

– Como é que você produz os livros desde a ideia até a editora?

Rosana – É fácil. Eu invento uma história dentro da minha cabeça. Todo mundo tem cabeça aqui, não estou vendo ninguém sem cabeça. Dentro da cabeça tem a imaginação, mas, além de ter imaginação, você tem aquelas coisas loucas na cabeça e escreve, e assim desenvolve a história. Mas esta é a parte fácil. Para aquela história que escrevi virar livro, com capa e tudo, preciso de uma editora. Lá eles vão fabricar o livro, vai entrar num processo de fabricação. Chamam um artista, um ilustrador para fazer as ilustrações, e vão dividindo por página, fazendo uma coisa chamada diagramação e, quando a diagramação está pronta, aquilo vai para a gráfica, onde se imprime o livro. A gráfica é a fábrica do livro. Eu bolo a história e o processo de fabricar o livro é da editora.

– Qual a influência da arte nos livros, nos quadrinhos, no trabalho de vocês?

André – Tudo o que você pode imaginar acaba virando influência para a gente. O fato de eu estar aqui já é uma experiência, que pode amanhã ajudar a escrever uma cena. E todo tipo de conhecimento soma muito, desde ver novela até escutar a música que está fazendo sucesso no momento. De repente, você quer fazer uma história, no caso do quadrinho. Eu, que nem sei me vestir direito, já me peguei comprando livro de moda, porque precisava fazer uma história de uma época, saber como é que funciona aquela roupa. Então, todo conhecimento que você pode imaginar só facilita. A minha influência mais direta vem do cinema, dos quadrinhos e da literatura.

Rosana – A gente tira as ideias de tudo o que está ao nosso redor. Mesmo nós que temos a formação ligada ao desenho, à pintura, à arte, tiramos muito do visual, das coisas bonitas que vimos, e das coisas feias também. Tudo

o que vemos ao nosso redor acaba virando história. Vocês também provavelmente vão virar história.

– *O livro das encrencas* influenciou alguma coisa na sua vida?

Rosana – Sim, eu me tornei uma encrencóloga, mas descobri um monte de jeito de sair das encrencas. Descobri também que o mundo está dividido em dois tipos de pessoas: as encrencadas e as encrenqueiras. Então, você precisa descobrir se você é uma pessoa encrencada ou se é uma pessoa encrenqueira. Isso foi muito importante para a minha vida.

Braulio Tavares

Eu sou de Campina Grande, na Paraíba, e moro no Rio de Janeiro. Um dos meus livros indicados aqui para vocês é *A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora*. É uma adaptação que fiz de histórias da literatura de cordel, que se faz no nordeste. Na minha cidade tem muitos poetas populares que ganham a vida escrevendo e imprimindo esses folhetos pequenos, contando histórias em verso. Existe todo um mercado, toda uma história muito longa de poetas profissionais nordestinos que viveram escrevendo essas histórias em verso, sobre a vida de Lampião, dos outros cangaceiros, sobre milagres, sobre lavradores, camponeses, vaqueiros, sobre gado e também histórias ambientadas nas cidades. Toda a literatura que se faz para criança no Nordeste, escrita por escritores nordestinos dessa camada popular, é feita em verso. Por quê? Porque o folheto de cordel é escrito para ser recitado em voz alta, ou então cantado em voz alta pelas pessoas.

Lúcia Hiratsuka

Quando eu era bem pequeninha, pensava que era japonesa, porque morava bem isolada numa roça, falava japonês, meus vizinhos eram japoneses. Aprendi a falar primeiro em japonês. Então cresci pensando que era japonesa. Depois fui para a escola, comecei a aprender português e um dia viajei para o Japão. Vi que o pessoal de lá era diferente de mim, apesar de a cara ser parecida. Aí eu pensei: "Sou brasileira, neta de japoneses." Quando tinha sete anos, entrei na escola para aprender o português, mas sabendo japonês, eu já podia ler os livros. Eu vou ensinar para vocês, mas acho que vocês já viram por aí, o ideograma livro. Vocês já viram em algum cartaz por aí. Se eu não cortar, é árvore 木; se cortar aqui, é livro本. Quando cheguei à aula de português, a professora começou a me ensinar. Fiz tudo com o maior capricho e em pouco tempo já estava falando e lendo em português. Desde aquela época, eu já sonhava em trabalhar com desenho, só não sabia que também ia trabalhar como escritora, mas eu gostava de contar histórias com desenho. Cheguei até a mandar

para um concurso no Japão, pensando que era só lá que eu podia trabalhar com desenho e palavras juntos. O meu livro *Contos da montanha* são histórias que se passam na montanha. São contos de mistério, são lendas que a minha avó adorava contar. Eu tinha muito medo, principalmente porque o banheiro ficava muito longe da casa, mas eu adorava ouvir. Então, eu pensava em recontar em português e ilustrar. Eu vou recuperando coisas de que eu gostava muito quando criança. Então, não são só lendas do Japão, mas as coisas que aconteciam na roça e, principalmente, histórias que têm a ver com sentimentos humanos, que que são universais.

Lourenço Cazarré

Eu sou jornalista, nasci aqui no sul, na cidade de Pelotas, e escrevo há quase trinta anos. Meus livros, em grande parte, são novelas juvenis; outra parte são livros para adultos, pois escrevo basicamente contos para adultos. As novelas juvenis podem ser divididas em dois ramos: uma parte são novelas de humor; outra parte são temas sociais. *Nadando contra a morte* é um livro de conteúdo social e *O mestre de matemática* é um livro de humor. Comecei a escrever literatura depois de formado em jornalismo. Mas na idade de vocês era um leitor fanático, lia muito. Acho que o fato de a pessoa ler muito acaba aproximando-a da literatura. Num certo momento, você decide escrever um livro. Então, comecei a escrever a partir dos anos 1980 e mantenho uma vida de jornalista e escritor. Fui para o jornalismo talvez pela proximidade com a literatura.

– Você se inspirou em alguém para fazer o livro *O mestre de matemática*?

Lourenço – Eu me inspirei no meu filho mais velho, que odiava matemática. Não aprendia, odiava. Então, eu

disse para ele que um dia ele não precisaria mais estudar matemática, mas, enquanto não chegasse à faculdade, teria de aprender. Então, todo ano eu contratava um professor particular, era um sofrimento. Um dia imaginei que, como ele, milhares de crianças também sofrem muito com matemática. Assim, pensei em escrever sobre o sonho secreto dessa gurizada que é matar o professor de matemática. Então, escrevi este livro de humor, com uma estrutura de novela policial. Eu gosto muito desse livro.

– Como surgiu a ideia de escrever *Os livros de Sayuri*?

Lúcia – Este livro partiu de um depoimento da minha mãe. Minha mãe contou que, quando ela era criança, na época da guerra, tinha que enterrar os livros. Eu achei que aí tinha uma história muito bacana para me inspirar. Ele não é a biografia da minha mãe, mas tem muitos fatos reais.

– Você se orgulha por saber que os adolescentes se interessam por histórias japonesas?

Lúcia – Hoje eu fico muito feliz, porque, quando comecei a lançar as lendas, eu sabia que as crianças gostavam, embora nas escolas elas não fossem muito lidas; também porque muitas vezes as pessoas gostam de falar sobre a imigração. Mas essas histórias, antes de tudo, falam dos sentimentos, e eu acho que sentimento é universal. Qual adulto não tem curiosidade, medo, ansiedade? Minha avó faleceu no ano passado, com 104 anos. Eu acho que é uma homenagem para ela também. Mas eu considero essas histórias extremamente universais, com um leve toque oriental.

– Você gosta de histórias de mistério?

Lourenço – Eu acho que, quando você escreve para jovens, é sempre bom que tenha um suspense, que você

vai levando até o final para manter a pessoa presa ao livro, porque, se não tiver o suspense, talvez eles não continuem a ler. O livro para jovem tem de ter uma linguagem bem acessível, tem de ser divertido, porque, se for tedioso, a garotada não lê. Então, gosto de escrever histórias policiais.

– Como surgiu a inspiração para escrever o livro *A pedra do meio-dia*?

Braulio – Para escrever este livro, eu me inspirei em muitos folhetos que existem na literatura de cordel. Era quando eu estava fazendo faculdade e convivia com o pessoal que escreve esses folhetos. Eu tinha 25 anos e eles tinham sessenta, setenta anos. Eu lia os folhetos deles e a minha intenção era tentar escrever a minha história como se tivesse sido escrita por um deles, com as informações, a maneira de contar a história e o tipo de história que eles contam. Se você prestar atenção, existe uma coisa presente no meu livro, que está presente na maioria dos livros: é uma pessoa que está em busca de algo, tentando atingir um objetivo, quando aparece alguém que lhe dá três objetos mágicos. Essa história dos três objetos mágicos aparece em todas as culturas, em todos os tempos, de todos os povos. Então, isso é uma coisa que faz parte do inconsciente coletivo.

Ricardo Silvestrin

O que vocês leram de minha autoria? Eu lancei 12 livros, de poesia, livros adultos e também para crianças, um livro de contos e um romance adulto, além de *O menos vendido*. Então, vou falar para vocês alguns poemas:

palavra não é coisa
que se diga
quem toma a palavra
pela coisa
diz palavra com palavra
mas não diz coisa com coisa
a palavra pode ser pesada
a coisa, leve
e vice-versa não é coisa alguma
a palavra coisa
não é a coisa palavra
palavra e coisa
jamais serão a mesma coisa
(Poema do livro *Palavra mágica*)

juro dizer a meia-verdade
a meia-mentira
o centauro por inteiro
nada mais que a sedução da sereia
o passo em falso, verdadeiro
na beira de um desfiladeiro
juro com a mão direita
sobre a bíblia
e a mão esquerda abanando
em nome de Deus, de Zeus
de Oxalá ou da besta
juro que os que quiserem
somente a verdade
vão perder o melhor da festa
(Poema do livro *Palavra mágica*)

o goleiro vê o jogo ao contrário
o número um que ele carrega
não é de primeiro, mas de solitário

o gol que não houve, a bola na trave
ou presa entre as asas do seu voo de ave
são pontos a mais no seu placar tonto

seu companheiro, o goleiro adversário
com quem trama o escore ideal:
zero a zero do começo ao final
(Poema do livro *Quase eu*)

– Nós lemos várias poesias e percebemos que geralmente no último verso tu fechas a poesia num tom de ironia. Qual é teu objetivo com isso?

Ricardo – Eu não tenho nenhuma preocupação em fazer de um jeito ou de outro, não são todos, são alguns. Sabe por que te chama tanto atenção se a pessoa usa humor, entre tantas outras coisas? Porque a poesia no Brasil começou no século 19, num ambiente de extrema caretice. A poesia sempre foi algo também com surpresa, irônico, erótico, provocativo; isso é da história da poesia. Se olhar a minha poesia, alguns poemas são irônicos. Eu faço também humor, porque o ser humano completo tem humor; se não tiver humor, é um chato.

– Você é músico e poeta. Quando compõe um texto, o que leva você a direcionar se vai ser uma música ou poesia?

Ricardo – A poesia, lá nos gregos e tal, foi criada para o ouvido, porque era apresentada. Então, todo texto tinha sonoridade, ritmo, um número de sílabas; se o poema era para ser entoado, tinha outro número de sílabas; se estava fazendo parte da peça, tinha outro número de sílabas. Depois veio a invenção da imprensa, quando Gutenberg inventou uma máquina que podia reproduzir aquilo que era recebido pelo ouvido. Com a invenção da imprensa, essa arte, que era sonora, começou a ser transcrita para o papel. Então, aquilo que era recebido pelo ouvido começou a ser recebido também pelos olhos. Isso muda também a criação. Então, a poesia passa a ter valores de ouvido e valores visuais. A poesia hoje, este texto para o livro, é um texto que está lidando com o espaço da página. Eu estou guiando a tua leitura: lê isto, depois daquilo, lê o final aqui. A letra de música é uma arte para ser cantada. Eu começo compondo as harmonias; depois a gente compõe a melodia sem letra nenhuma; depois bota letra nessa melodia, para que fique legal de cantar e ouvir. Por isso tem este nome “letra de música”, porque é parte da música.

Gustavo Melo

Eu quero deixar uma mensagem para vocês sobre a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo: a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo mudou a minha vida, é uma movimentação cultural transformadora e efetivamente transformou minha vida. Eu vim de Recife, em 2005, para acompanhar a 11ª Jornada de Literatura. Fiquei tão encantado com a movimentação cultural que acontece aqui que resolvi me mudar para Passo Fundo, fazer aqui na Universidade de Passo Fundo o mestrado em Literatura. O mestrado acabou, mas a efervescência é tão grande que resolvi ficar. Conheci a Jornada como leitor e espectador como vocês, e agora estou deste lado como autor convidado e também como leitor e espectador. A Jornada Nacional de Literatura, de fato, transforma as pessoas, e eu espero que transforme a vida de vocês. Então, o que eu deixo é uma mensagem, um incentivo, uma palavra para que vocês continuem lendo livros de literatura. É tão bom

e tão importante ler livros de literatura! As pessoas muitas vezes dizem: compre um livro, leia um livro, porque livro é legal. Mas por que é legal? Vou enumerar aqui quatro coisinhas rápidas para vocês verem como é importante, como é bacana ler um livro de literatura. A primeira coisa é que, quando lemos um livro de literatura, com tantas palavras ali, aprendemos novas palavras para o nosso vocabulário. Também, quando entramos em contato com um livro de literatura, desenvolvemos, aprimoramos a nossa ortografia. Muitas vezes ouvimos as palavras, falamos as palavras, mas não sabemos escrevê-las – se é com sc, ch. Quando o autor de literatura escreve, elabora um parágrafo, ele faz da maneira mais clara possível, para que o leitor entre em contato com aquela construção, compreenda e desenvolva aquelas imagens na sua mente, no seu imaginário. Então, você ganha concisão de ideias, clareza de ideias, organização do pensamento. Como todas as manifestações artísticas, a literatura tem como objetivo romper com os paradigmas, com os padrões, com os modelos que estão estabelecidos na sociedade. A literatura, como arte, tende a romper com isso e oferece um novo olhar. Quando entramos em contato com esse novo olhar, a partir do olhar que já temos, reelaboramos e formamos um outro olhar. Então, vejam o ganho que a literatura traz: vocabulário, ortografia, clareza de ideias, organização do pensamento, nós nos comunicamos melhor e, acima de tudo, temos um novo olhar para enxergar de maneira diferente o outro, a sociedade onde vivemos e, em última análise, a nós mesmos. Então, a partir da nossa própria mudança, vamos tentar empreender mudanças na sociedade, no outro, para que o meio social onde vivemos seja melhor. Eu deixo a minha palavra para que continuem participando

efetivamente de manifestações culturais como a Jornada de Literatura de Passo Fundo, que não tem igual no país; é uma movimentação única, singular. Continuem participando e lendo, porque vocês vão se transformar o tempo todo e transformar o meio onde vocês vivem. Continuem lendo sempre e lendo livros de literatura.

Guilherme Fiuza

Eu já tinha vindo ao Rio Grande do Sul algumas vezes, mas não a Passo Fundo, e vou levar uma lembrança comigo muito forte, por causa do calor humano. Dizem que o gaúcho é frio, mas o gaúcho é um povo muito acolhedor. Essa semana aqui na Jornada tem sido espetacular, fiz vários amigos. É tão engraçado, porque eu tenho ido a todo quanto é canto do Brasil, e é incrível como a cultura, o conhecimento, o comportamento, as cabeças abertas estão se espalhando. E em cada canto eu faço amigos. Eu sou jornalista e repórter, tenho três livros publicados e estou terminando de escrever o quarto. O que acho legal dizer para vocês é que a vida é rica, porque dificilmente você encontra nas situações aquilo que você projetou. Então, é tão bom você estar desarmado e aberto para o imprevisível, porque ele não falha, ele sempre vem. Escrevendo sobre a Amazônia, senti frio; escrevendo sobre tráfico de drogas, encontrei humor numa história barra pesada; escrevendo

sobre os bastidores da vida política brasileira, encontrei personagens que tinham doçura, idealismo dentro daquela roda-viva que é o poder. Então, são experiências muito interessantes que me fazem dizer isso. Quando eu ia fazer vestibular, a única certeza que eu tinha era de que não queria parar de jogar futebol. E para jogar a minha pelada à tarde, me matriculei em administração de empresas, num curso noturno. Conheci um professor jornalista que certa vez, lendo um texto meu, me disse: "Você está no curso errado, o seu curso é jornalismo." E aquilo ficou na minha cabeça. Então, comecei a pensar em fazer jornalismo, coisa que eu nunca tinha pensado. Não tinha amigos jornalistas. A minha família foi contra. Fiz jornalismo clandestinamente durante quase dois anos e achei que estava no caminho certo e que seria um grande editor de jornal. Quando me tornei editor no jornal *O Globo*, recebi um convite para participar de um *site* na internet. Eu pensei: "Mas depois de passar por tantas coisas, agora que sou editor de um jornal e que vou subir na empresa..." Então, com certa dor no coração, abandonei *O Globo* e fui para a internet. Na internet, como não havia limitação de espaço para os textos, comecei a fazer uma coisa que adorava: escrever textos longos. E chegou o momento em que veio a vontade de escrever um texto mais longo. Assim, comecei a escrever livros, e realmente era minha vocação. Se tivesse aqui uma professora de português do curso primário, do ensino básico, que ouvisse esta palestra, ela iria dizer: "Claro que você foi escrever livros, claro que você foi autor, porque os meus textos na escola mostravam uma vocação, mostravam uma aptidão." Porém muitas vezes a nossa vocação, a nossa aptidão, passa despercebida pela gente mesmo, pelos professores, pelos pais. Então, a trajetória

na vida é muito cheia de imprevistos, e o que podemos fazer é deixar nosso espírito aberto para perceber os sinais para onde realmente temos de ir.

– Por que você escolheu a história do João Guilherme Estrella? Você já o conhecia?

Guilherme – A história do João Estrella não foi exatamente revelada por mim, porque o João é um personagem boêmio do Rio de Janeiro, muito conhecido no baixo Leblon, da boemia carioca. Era um cara desses que está sempre nas mesas, muito conhecido por artistas. Era conhecido na cidade. Um dia ele foi preso e descobriu-se que ele era um traficante. Eu achava, e ainda acho, que a barra pesada das pessoas normais não aparece muito na nossa cultura, no cinema especialmente. No Brasil, por conta do problema social tão grande, parece que o drama pessoal não é importante. Se você tem comida no prato, tem carinho dos teus pais, estuda numa boa escola, você não tem problemas. Para a cultura brasileira muitas vezes é isso. Tanto que houve uma época em que nos festivais de cinema os filmes sobre a classe média eram discriminados como filmes de pequenos burgueses, alienados. A história do João seria isso: um cara que tinha tudo para ser normal, criado por uma boa família, na zona sul, área rica da cidade, no entanto transitava pelos piores pontos do submundo lidando com bandidos. Ele foi um grande traficante e teve de lidar com a situação dentro da prisão. O livro mostra mais que o filme. Eu queria muito o olhar desse cara, não queria o olhar de um traficante; queria o olhar do cara comum sobre o mundo extremo e entrar na alma desse cara, saber quem era essa pessoa que levou tão a fundo a sua propensão ao desvio, à transgressão. Muita gente se surpreendeu, porque conhecia o cara, mas não percebia quan-

ta dramaticidade havia naquela história, não só por ele ter chegado à hierarquia do tráfico, informação que consegui com a polícia, mas pela riqueza da sua personalidade.

– Você, que estudou direito, como se descobriu escritor?

Gustavo – Por alguma razão que até hoje desconheço, fui fazer direito. Era aquela época em que temos que decidir o que fazer. Não sabia muito bem e fiz direito. No meio do curso, eu, que já era bastante envolvido com leitura e a literatura, comecei a escrever mais seriamente e decidi que aquele seria o meu caminho. Mas, como já estava no meio do curso, que de uma forma ou de outra te dá tanta coisa legal, acabei o curso de direito e já emendei uma especialização em lingüística. Mas ainda não era o que eu queria. Depois, vim fazer o mestrado em literatura aqui em Passo Fundo.

– Quando você escreveu o livro *Meu nome não é Johnny*, você já imaginava que o livro iria virar filme? Durante a produção do filme, você pôde opinar, dar ideias e as suas ideias foram aceitas?

Guilherme – Eu não imaginava que seria um filme. Na verdade, eu tinha o sonho de escrever um livro e, como sou jornalista, publicar um livro me daria valor profissional. Então, pensava em fazer um livro, publicar um livro. Estou escrevendo o quarto livro. Então, talvez seja escritor, mas até hoje me apresento como jornalista. Acho que o que faço é jornalismo. Mas eu não esperava e tive uma surpresa. Eu estava ainda assustado com a repercussão do livro e fui procurado por produtores de cinema. Foram seis produtores de cinema que me procuraram, e isso é muita coisa e me impressionou muito, porque achei que o livro tinha mesmo um apelo cinematográfico. O jornalis-

ta escreve de maneira concisa. Frases curtas para o leitor não ir embora, pois o leitor de jornal é um leitor apressado. Então, você procura costurar cada frase na frase seguinte, cada capítulo no capítulo seguinte, e foi isso que o pessoal achou cinematográfico. Sobre a minha possibilidade de opinar, vendi o direito do livro sem o direito formal de opinar ou de dar um parecer. Então, podiam fazer o filme que quisessem. No entanto, eu tive muita sorte, porque a Marisa Leão, que é uma grande produtora, tem uma forma de trabalhar muito inteligente, ela atrai as pessoas para o projeto. Quando ela chamou o Selton Mello para ser o protagonista, ela não tinha o diretor do filme, e o Selton ajudou a escolher o diretor. A gente tinha ali uma situação muito amistosa. Quem escreve um livro e tem o seu livro adaptado para o cinema sente ciúmes, quer saber o que vai ser feito com aquela história. E eu sofri esse ciúme durante boa parte do processo. Disse que o meu primeiro mandamento era não atrapalhar, porque sabia o quanto eu podia atrapalhar, mas fiquei atento e propus várias emendas; cheguei a propor cinquenta emendas ao roteiro, ou seja, de uma maneira informal, sem ter o direito formal de interferir. Mas a interferência foi aceita e, no final das contas, fiquei muito feliz com o resultado.

Allan da Rosa

Meu nome é Allan da Rosa, eu sou da periferia de São Paulo, moro no morro do Mineiro e escrevi um livro chamado *Da cabula,* que alguns daqui leram. Sou nascido e criado em Americanópolis, periferia da zona sul de São Paulo. Sempre gostei de ler, desde moleque. Quando meu pai não estava preso, ou quando ele estava preso, deixava um monte de revistinhas, que eu lia, pois sempre gostei de ler muito. Trabalhei como feirante, vendendo banana e lendo as notícias de jornal em que embrulhava as bananas. Trabalhei como operário, vendi churros, vendi jazigo de cemitério, vendi revista na rua, fiz várias coisas muito dignas, mas não estava muito feliz. Então, comecei a apostar em escrever mesmo. Fiz *fanzine.* Vocês sabem o que é *fanzine*? *Fanzine* são edições artesanais, feitas em fotocópia, que circulam de mão em mão. Rodei o Brasil fazendo teatro de rua, e todo mundo dizia: "Vai estudar, você lê muito, você é muito inteligente." Então, entrei num cursinho, cursinho

comunitário, do Núcleo de Consciência Negra. Estudei durante um ano, passei no vestibular para estudar história. Sou graduado em história e faço mestrado na Universidade de São Paulo, onde estudo cultura negra e educação. Eu pratico capoeira, sou professor de capoeira, e na capoeira a poesia é muito presente, pois você pode mudar um jogo, mudar uma noite, de acordo com o verso que você coloca na roda. Faço parte do Movimento de Literatura Periférica de São Paulo. Sou organizador de um selo chamado Edições Toró e um dos fundadores do Sarau da Cooperifa, que acontece há oito anos num bairro no extremo sul de São Paulo. Sou uma pessoa que atua, quero aprender esse lado da oralidade, da fala, do gesto, do bailado, da poesia cantada ou falada, versada, recitada. A gente faz programa de rádio sobre literatura e mundo da escrita. Lá se escrevem livros de poesia, antologia, coletâneas da rapaziada, da mulherada da zona sul de São Paulo. Lembrei agora da Elizandra Souza, que é uma jovem escritora maravilhosa que escreveu o livro *Punga* (poesias). Vocês sabem o que é Punga? Boa para pesquisar. Valeu.

André Diniz da Silva

Eu tenho uma trajetória um pouco diferente do Allan da Rosa. Nasci no Rio de Janeiro e não gostava muito de ler, sempre tive muita dificuldade. Mas lá pelos 17 anos resolvi gostar de ler e mergulhei num mundo fascinante, que me acompanha até hoje, pois para onde vou levo livros. Trouxe duas malas para cá, uma mala é de roupa e outra é de livros, porque eu não consigo mais me separar deles. Sou professor de história, sou historiador; me formei na Universidade Fluminense, fiz mestrado na Unirio, em música, e faço doutorado em literatura brasileira. As minhas publicações são na área da música popular. Tenho cinco livros infanto-juvenis com biografias do Adoniran Barbosa, que é um sambista de São Paulo; do Braguinha, um compositor do Rio de Janeiro, de marchinha de carnaval; do Pixinguinha, compositor do Rio de Janeiro, considerado o pai do chorinho, que é um gênero musical. Também tenho uma biografia sobre Paulinho da Viola, que é um sambista do Rio de Janeiro, e tenho Noel Rosa, que também é sambista

importante do Rio de Janeiro, mais conhecido como Poeta da Vila. Tenho 13 livros publicados e quatro a sair no ano que vem, mas a minha função é trabalhar com a música popular. Acho que todos temos uma relação quase umbilical com a música.Por onde nós vamos, seja num ônibus, na casa de um amigo, seja aqui, estamos ouvindo música, tendo contato com a música. A música passou a ser, nos últimos anos, um caminho privilegiado, importante, para a gente entender a sociedade brasileira. Entender os gostos, entender o cotidiano, entender a política, entender a história. A música não é só boa para ouvir; é boa para se pensar, e a nossa música popular sempre foi moderna, é a nossa arte mais reconhecida lá fora. Então, ela passa a ser uma matéria importante para que a gente possa perceber, através das letras, a realidade. Nós, que escrevemos, e os professores de sala de aula temos a função de apresentar cardápios diferentes de música. Para você ter a noção da importância dela, dessa universalização, desse contato direto que temos, vou fazer a pergunta que tenho feito em todas as lonas: Quem já leu Guimarães Rosa? Mário Quintana? Quem já ouviu música de Marcelo D2? Então, esta é a minha função: mostrar alguns desses compositores, pois através da música deles é possível compreender melhor o mundo em que vivemos, sobretudo a sociedade brasileira.

– Fazer o curso de história influenciou vocês a escreverem?

Allan – Eu já escrevia antes de entrar na faculdade de história, onde aprendi que se pode contar a história de várias formas. Por exemplo, a história do povo negro no Brasil tem de ser refeita, pois ou não foi contada, ou foi contada da forma mais grosseira possível, cheia de ausências, cheia de silêncios muito bem orquestrados. A gente

descobre que uma coisa é a história, outra coisa é o ensino, o estudo da história, contar o que aconteceu, ou como contar o que aconteceu. Tem um negócio chamado historiografia, que é a forma de contar a história. Quando você vai contar a história do seu bairro, por exemplo, você pode contá-la tanto pela arquitetura das casas quanto pelos documentos da companhia de eletricidade, ou pelos boletins de ocorrência das delegacias; você pode partir da história oral, ouvir as pessoas mais velhas. Como eu conto história, como vivo escrevendo prosa e contando história, além de ser historiador, sou historinhador, contador de história, que é também uma forma de contar história. Então, influenciou muito mesmo a vontade de escrever, porque, estudando história, me apaixonei por algumas épocas, por alguns lugares. Assim, comecei a perceber a grande diferença que há entre você se expressar pela oralidade, seja musical ou falada, ou pela escrita. Você pode ouvir música lavando louça, você está ouvindo o que eu estou falando aqui e pode estar amarrando o cadarço. Ler exige uma outra presença de corpo. É mais difícil ler um romance ao mesmo tempo em que você lava louça. Então, este contato com a história escrita me ensina que existe uma forma de escrever, de editar livros, que instiga a querer escrever mais. Mas também descobri que a história oral, a história contada, é cheia de lacunas, de silêncios. Numa barraca de feira tem muito mais historiografia do que numa biblioteca, mas são outras formas de conhecimento.

André – Eu também sou historiador. Na realidade, sou de família muito pobre, também de comunidade, lá do Rio de Janeiro. Minha mãe sempre quis que eu fizesse direito. Passei no vestibular na PUC e ganhei uma bolsa. No segundo semestre, não aguentei mais e pedi transferência

para história, perdi a bolsa. A história na minha trajetória foi fundamental, pois, no mínimo, me fez mais cidadão, porque comecei a compreender os valores da sociedade brasileira, a ter uma noção melhor de política. Escolhi dentro da história estudar a música popular. Eu não consigo me imaginar fazendo outra faculdade; hoje só faço doutorado em literatura porque fiz graduação em história.

– Você fala muito em música. Eu queria saber se você toca algum instrumento? Qual a sua preferência musical?

André – Comecei a gostar de música ao ouvir ópera. E comecei a escrever sobre música, porque não toco nada, não consigo tocar nada. Tenho tudo em casa, até um piano que eu reformei. Quem toca, compõe e joga capoeira é o Allan.

Allan – A gente pode tocar tudo. O coro do pandeiro é o primo do coro da palma da mão. Por exemplo, na história da música negra brasileira uma coisa essencial é o coro responder à pergunta que o cantador faz. Se vocês toparem, nós fazemos uma música aqui, depende da participação de vocês com a palma da mão e o versado.

– As músicas que tu escutas ou as biografias que tu escreves mudaram alguma coisa em você?

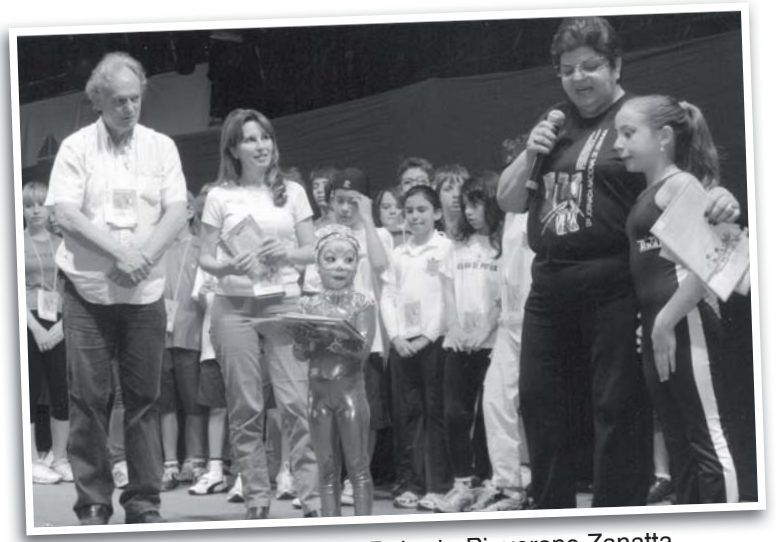
André – Eu acredito que a arte é sempre transformadora. Então, é claro que, quando você se debruça sobre uma arte, ela vai te engrandecendo; por isso a literatura é fundamental. Num mundo meio pasteurizado, onde os cardápios são colocados para a gente, a literatura passa a ser fundamental para nossa imaginação, para nossa criatividade. A música faz parte dessa arte. Eu me reeduquei do ponto de vista musical, porque o que mais frequento é samba, é o que vivo, pois comecei a ter um gosto e, sobretudo, a derrubar preconceitos que tinha na minha adolescência.

A partir do momento em que comecei a ouvir de tudo, percebi que não existe um gênero mais importante que outro; existem gêneros que são ouvidos, e nós temos de entender por que as pessoas gostam de determinada música. Nosso papel de professor em sala de aula é não deixar que vocês tenham acesso a um único gênero musical, porque às vezes ficamos monotemáticos. Vocês devem ter acesso a um amplo leque de formação musical. Aí sim, com sua sabedoria, pode escolher a música que te dá mais prazer.

Registro iconográfico

Espetáculo de abertura – Grupo Tholl

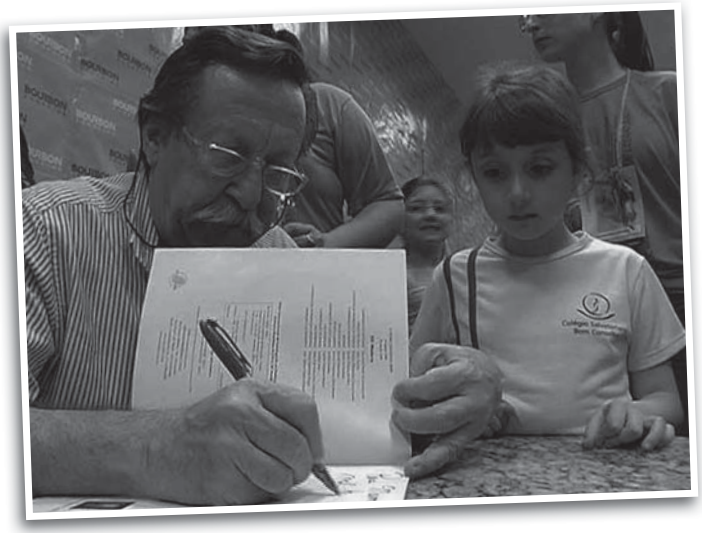
Apresentadores Gali-Leu, Mil-Faces e Natália



Tania Rösing - Homenagem a Roberto Pioverano Zanatta

Escritor Homenageado Pedro Bandeira

Conversa na lona principal



Sessão de autógrafos

Sessão de autógrafos

Encontro especial com Pedro Bandeira no Shopping Bourbon

Público participante na lona principal

Público participante nas lonas coloridas

Crianças fazendo perguntas aos escritores nas lonas coloridas

Gilles Eduar

Conversa com escritores nas lonas coloridas

Ricardo Silvestrin e Índigo

Gustavo Melo e Guilherme Fiuza

Índigo

Flávio Paiva, Marilda Castanha e Fernando Vilela

Sessão de autógrafos

Ivan Zigg, Anna Claudia Ramos e Gian Calvi

Fernando Vilela

Anna Claudia Ramos

Paulo Bi

Paulo Becker

Shows e espetáculos

Show musical - Banda AfroReggae

Contação de histórias com Fátima Café

Show musical – *No baú a música do Brasil* - Grupo Repercussão

Show musical *De Paes para filhos* - Paulo Bi

Espetáculo teatral De A a Zigg – Ivan Zigg (Lona azul)

Programação Paralela

Cortejo espetáculo: Bloconeco de Catin e sua banda Navegante – Cia. Navegantes

Oficina de dobraduras com Gláucia Lombardi

Público nas exposições

Exposição - Esculturas em basalto - João Bez Batti

Intervalo do almoço - Visitação ao espaço de computadores

Atividade paralela - Caminhos da Astronomia

Atividade paralela - Instalação Cérebro Eletrônico

Público

Crianças chegando ao Circo da Cultura

Crianças nas livrarias no Circo da Cultura

13º JORNADA NACIONAL DE LITERATURA
5º JORNADINHA NACIONAL DE LITERATURA
Arte e tecnologia: novas interfaces
26 A 30 DE OUTUBRO DE 2009
UPF

Crianças no intervalo do almoço

Adolescentes no intervalo do almoço

Intervalo do almoço – Mete a cara

Crianças nos Totens eletrônicos

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing – Coordenadora geral das Jornadas Literárias

Equipe de apoio - Instalação Cérebro Eletrônico

Equipe de apoio – Jornadetes e comissão organizadora

Registro da imprensa e internet

Poesia vira hábito na pequena Coxilha

Foto: Cláudio Tavares/UPF

Crianças são as grandes incentivadoras da produção poética no município de apenas 3 mil habitantes

Com apenas cerca de três mil habitantes, localizada na região Norte do Rio Grande do Sul, a pequena cidade de Coxilha tem um novo hábito na comunidade: a produção de poesia. Iniciado nas escolas da rede pública, esse novo costume teve um incentivo de bem longe. Por meio do projeto Poetas Inocentes da Organização Brasileira dos Criadores de Artes Anônimos (OBRACAA), em São Paulo, os alunos se aventuram no mundo de fantasias e sonhos.

Das quatro edições do livro Poetas Inocentes (All Print Editora), idealizado e organizado por Gerson Lourenço, a meninada de Coxilha já participou em dois. "Todo e qualquer cidadão pode participar. Basta acessar o site do projeto (www.poestasinocentes.com.br). Ninguém lucra nada, apenas divulgamos as artes", explicou a coordenadora da iniciativa, no Rio Grande do Sul, professora Silvana Antonioli. Ela e várias crianças que participam do Poetas Inocentes estiveram autografando a quarta edição da obra, nesta quinta-feira, 29 de outubro, na 13ª Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo/RS.

Na terceira edição do livro, apenas dois alunos tiveram seus textos publicados no projeto. Já na edição seguinte, lançada neste ano, foram 24 trabalhos, quatro deles coletivos, tendo a participação de cerca de 100 crianças do município distante 20 quilômetros da cidade onde acontece a Jornada Literária. "É gratificante poder fazer parte dessa iniciativa, pois atualmente é tão difícil fazer as crianças lerem, até mesmo pela facilidade que a multimídia oferece a elas", comentou Silvana.

Alguns alunos da professora já se destacam na criação literária, o que de acordo com ela, deve garantir no futuro alguns escritores formados em Coxilhas. Um deles é Luan da Silva, 10 anos, aluno da 4ª série da Escola Municipal Pantaleão Tomaz. Inspirado nos gibis, ele é autor de um dos poemas da mais nova edição do livro, inclusive, já viajando para São Paulo, em 2008, e Rio de Janeiro neste ano, para os lançamentos das edições. "Eu gosto de escrever poesias sobre meus sonhos", garantiu o pequeno com um sorriso envergonhado.

Assessoria de Imprensa Jornadas Literárias

Agora é a vez dos adolescentes nas loninhas literárias

Foto: Claudio Tavares/UPF

Participantes perguntaram sobre as obras dos autores

Estudantes do ensino médio participaram na tarde desta sexta-feira, dia 30, do último encontro nas loninhas literárias da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura. O evento faz parte da programação do maior movimento literário do país, a 13ª Jornada Nacional de Literatura, que termina nesta sexta (30) no Circo da Cultura no Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Os autores responderam às perguntas dos jovens estudantes. O convidado Allan da Rosa criou um verso na hora, cantado logo depois pelos alunos. Ainda nas loninhas, Celso Sisto e Roberto de Freitas participaram como contadores de histórias.

Conheça os autores participantes:

Allan da Rosa é formado em História e faz mestrado em Cultura e Educação. É um escritor representante da literatura de periferia, com a poesia Vão, o romance versado Zagaia, entre outros trabalhos.

André Diniz desenha seus quadrinhos desde os cinco anos de idade. Para fazer seus personagens procura fazer pesquisas. È um dos responsáveis pelo site Nona Arte.

Gustavo Melo é graduado em Direito pelo Unicap e pós graduado em Lingüística Aplicada pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Letras pela UPF. É membro da União Brasileira de Escritores/PE. É autor de inúmeros contos e crônicas.

Guilherme Fiuza é jornalista e já trabalhou em diversos jornais. É autor de Meu nome não é Johnny, adaptado para o cinema em 2008 pelo diretor Mauro Lima. Escreveu também 3.000 dias no bunker, reportagem sobre a equipe que combateu a inflação no Brasil.

Índigo é jornalista e escritora. Para ela, escrever é a única coisa que faz bem. Gosta de criar personagens e transformá-los. Com 14 anos descobriu que o bisavô escrevia e se viu com a missão de continuar a tradição que começou em 1908. Transforma observações de seu diário em obras de ficção.

Júlio Emilio Braz tornou-se escritor escrevendo roteiros para histórias em quadrinhos. Desde pequeno lia muito, além de brincar com a sua irmã. Com 10 anos, tinha certo interesse por Laura, uma coleguinha, que um dia o chamou de feio. Seus livros relatam problemas sociais, como é o caso do Crianças na Escuridão, que fala sobre o dia-a-dia de um grupo de meninas de rua que moram na praça da Sé.

Ricardo Silvestrin é formado em Letras pela UFRGS. Entre suas publicações como poeta estão Palavra mágica, (Prêmio Açorianos de Melhor Livro de Poesia editado no RS), Pequenas observações sobre a vida em outros planetas, entre outras. É colunista do jornal Zero Hora e integrante da banda Os PoETs.

Assessoria de Imprensa Jornadas Literárias

NOTRE DAME

Estudantes preparam-se para a Jornadinha

Os estudantes do Colégio Notre Dame Passo Fundo intensificam leituras e já se preparam para a 5ª Jornadinha Nacional de Literatura que acontece neste ano. As turmas do 1º ano conheceram várias obras do escritor Pedro Bandeira - autor homenageado nesta edição do evento. As ações têm o objetivo de trabalhar filosoficamente os sentimentos despertados pelos livros, envolvendo os educandos em atividades lúdicas.

Os encontros aconteceram na Biblioteca Infantil e na última semana esteve em destaque a abordagem do livro O pequeno bicho papão. Mais uma surpresa com essa tarefa. As crianças trouxeram os travesseiros de casa com a finalidade de criar um ambiente propício para despertar a imaginação e contextualizar os personagens da obra. A coordenadora pedagógica do 1º ano à 4ª série do Ensino Fundamental do Colégio Notre Dame, Daniela Dal'Maso, comenta satisfação com essas atividades que tem o intuito de contribuir e incentivar o hábito da leitura, auxiliando na formação de leitores críticos.

Uma programação diversificada contempla a preparação dos estudantes para o evento, além das leituras também acontecem debates e dinâmicas, fomentando outros recursos como a ilustração e acentuando o processo de cultura. Entre os escritores da literatura infanto-juvenil que devem participar assinala-se: Pedro Bandeira, Anna Claudia Ramos, Flavio Paiva, Ignácio de Loyola Brandão, Jótah, Gian Calvi, Ivan Zigg, Odilon Moraes, Mario Bag, Marildi Cantanhe, Carlo Frabetti, Fernando Vilela, Ernani Sá, Clarah Averbuck, Guilherme Fiúza, Gustavo Melo e Ricardo Silvestrin.

Crianças durante atividades preparatórias

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado	domingo
MATTHEW SHIRTS	ARNALDO JABOR	ROBERTO DAMATTA	LUIS FERNANDO VERISSIMO	IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	MARCELO RUBENS PAIVA	VERISSIMO
LÚCIA GUIMARÃES				MILTON HATOUM	ADRIANA FALCÃO	JOÃO UBALDO RIBEIRO
						DANIEL PIZA

A dura tarefa de enfrentar crianças

PASSO FUNDO, RS

Independentemente do descaso que o Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul ultimamente dedica ao seu maior evento, a Jornada de Literatura de Passo Fundo continua imbatível em matéria de público, contemporaneidade e avanço na formação de leitores. No fundo, a atitude pequena e medíocre do conselho, formado por provincianos, acaba se tornando um sabotagem à política cultural da governadora Yeda Crusius, que acaba pagando o ônus não devido, a Jornada é um movimento para a construção de leitores. Cito aqui a professora Tânia Rösing que não usa e abomina da palavra evento, prefere movimento, que indica ação, progressão, ir em frente. Durante cinco dias a cidade ferve, os hotéis lotam, centenas de ônibus vindos de cidades vizinhas (ou distantes) se alinham no gigantesco estacionamento.

Seis mil professores (admiro o sacrifício que a maioria faz, deslocando-se de cidades distantes, levada pela paixão por livros, literatura, aprendizado), estudantes de letras e ilf milerânças passam o dia dentro de um território mágico, que abriga a lona principal, colorida, imensa, as quatro "loninhas" (cada uma com mil crianças) da Jornadinha, o centro de convivência, a livraria da universidade, a sala de exposições, os auditórios, a praça de alimentação. Entre participantes e visitantes, 30 mil pessoas circularam pelo câmpus da UPF que tem uma emissora, a Rádio Poste, uma televisão local, uma sala de imprensa, de onde os correspondentes e blogueiros enviam para jornais e internet tudo o que se passa. Espalham-se pelas salas da universidade há oficinas, cursos, minipalestras, conferências e encontros menores. Menores em matéria de público, entendam.

Um destes encontros tem sido sempre com os membros da Academia Brasileira de Letras, presidida por Cícero Sandroni. A Jornadinha é memorável e agora sei na pele o que ela significa. Durante dois dias passei pelas loninhas para falar de meu recente livro infantil *Os Esmeráldeos Contra o Clerão de Fogo*. Aprendi, acompanhado por dois craques no gênero, Anna Claudia Ramos e Hermes Bernardi Jr. (com quem dividi o palco segunda-feira passada, dia 2, na Feira de Porto Alegre), e testemunhei o poder de fogo da literatura infantil. Passei o ano por uma lona, falávamos e respondíamos a perguntas por 40 minutos, seguíamos para a lona seguinte. A meninada, excitada, nos enchia de questões. Calor insuportável, mas ao erian- ças ali quietas, na medida do possível. Eu, aterrorizado. Esse tipo de público é implacável, ou você domina ou é dominado. Aliás, vi o talento de persuadir de Pedro Bandeira, homenageado deste ano. A meninada ficou siderada com ele. Pedro fala, canta, ri, chora, grita, vira mau, vira bom, vira menina, imita bicho, faz tudo. Não é por acaso, nem por norte, que vendeu 21 milhões de exemplares.

MARCOS MÜLLER

Avassaladora é como a Jornada foi definida pelo roteirista Guilherme Arriaga, pelo holandês Wim Veen e pelo designer e criador de museu virtuais Marcelo Dantas, dos mais aplaudidos da semana, chamada de espantosa por Pedro Bandeira e fulminante por Tom Zé. A polêmica e a inovação ficaram por conta de Wim Veen, que mostrou como videogames e internet não prejudicam o aprendizado, ao contrário, são aliados e que o ensino linear pode estar com os dias contados. A Jornada deste ano, dedicada a discutir Arte e Tecnologia: Novas Interfaces, enfrentou primeiro a crise econômica mundial, depois a crise brasileira, com os patrocinadores se retirando, em seguida a gripe suína, então surgiu a chamada Primavera de Chuvas e, enfim, a mesquinhez do Conselho de Cultura. Porém, a Jornada, transferida do fim de agosto, para o calor de outubro, aconteceu. Quem duvidava não conhece Tânia Rösing, que vocu por todo o país, foi mil vezes a Brasília, gritou, esperneou, convenceu. Levou a Passo Fundo três nomes de peso, Fernando Haddad, ministro da Educação; Fabiano dos Santos, diretor do Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura (que deenvolveu no Ceará um projeto maravilhoso, o dos Agentes de Leitura) e José Castilho Marques Neto, diretor executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura. Tânia Rösing reconheceu que Fabiano e Castilho foram ferramentas poderosas na realização da Jornada.

Vou a Passo Fundo desde 1985. Depois da morte de José Guimarães, um dos pioneiros da Jornada, escritor ícone, uma espécie de plebiscito local me levou para a mesa como coordenador. Depois chegaram Aleione Araújo e Julio Diniz e desde então somos um trio que segura a peteca no palco. E é um público que espera tudo, até que o trio, por eles chamado de Os Três Tenores, cante. A Jornada circula por dentro de nós como necessidade vital, sangue, músculos, os dias de Passo Fundo nos revigoram, reenergizam. Na Jornada, os astros são alternativos e os escritores, o foco é todo sobre eles. O público leu os livros dos que estão no palco, sabe que perguntar, o trabalho se inicia meses antes. É um movimento com caráter multiplicador.

Independentemente das falas e debates, dos encontros cara a cara com os leitores, das centenas de perguntas a que todos respondem, das milhares de fotografias (todo mundo tem um celular e nossas imagens estão pelo mundo; será que perdemos a alma?), lembro-me de uma frase de Ziraldo, anos atrás: "A Jornada é um momento em que cada escritor se sente o Roberto Carlos." Sabem o que é subir no palco e enfrentar seis mil pessoas? Sendo que 90% são mulheres. Os homens não estudam mais Letras no Brasil? Do Sul para o Nordeste. Hoje à tarde sigo para Maceió, para a Bienal do Livro de Alagoas. ■

Mostra Literária, no Menino Jesus, prepara Jornadinha

Com o objetivo de incentivar a leitura de textos literários em diferentes linguagens e suportes, em consonância com o desenvolvimento tecnológico, os educadores e os estudantes da Escola Menino Jesus Notre Dame estão realizando diversas atividades em preparação à 5ª Jornadinha Nacional de Literatura. Evento que acontece no período de 24 a 28 de agosto no campus I da Universidade de Passo Fundo.

As turmas desenvolveram trabalhos artísticos, criaram blogs, organizaram banners, elaboraram textos e livros. A "Mostra Literária" acontecerá no dia 21 de julho, a partir das 11h. O projeto faz desenvolvido pelos professores da Escola Menino Jesus tendo em vista que a pré-jornadinha é um movimento cultural literário que incentiva os estudantes a conhecerem previamente autores e suas respectivas obras. A Mostra Literária tem a finalidade de promover a análise, a interpretação dos textos e ainda a elaboração de atividades de leitura, uma vez que durante a Jornadinha, o estudante entra em contato com diferentes gêneros literários. O evento contempla ainda a troca de experiências, de valores e de diferentes realidades que possibilitam a formação de leitores investigativos, críticos e criativos.

A "Mostra Literária" acontecerá no dia 21 de julho, a partir das 11h

ORAÇÃO DOS AFLITOS

AFLITA se viu Virgem Maria aos pés da cruz. Aflita me vejo. Valei-me minha mãe de Jesus. Confio em Deus com toda a minha força, por isso peço que ilumine meus caminhos. Concedeme a graça que tanto desejo. Faço o pedido e mande publicar no 3º dia e observe o que acontece no 4º dia. Agradece.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS SERVIDORES MUNICIPAIS DE PASSO FUNDO
Autarquia Municipal (Lei 4.001, de 18 de dezembro de 2006)
CNPJ nº 91.465.041/0001-02 Telefone: (0XX 54) 3311-1400
Rua Paissandu, 141 - Passo Fundo/RS
E-mail: ipasmu@portoal.rs.gov.br Site: www.ipmpfrs.rs.gov.br

Portaria nº 1.593/2007 e 1.627/2008 que concederam aposentadoria por idade à professora DELMA DE OLIVEIRA CALDAS, portaria nº 1.913/2008.
Portaria nº 1.593/2007 e 1.862/2008 que concederam aposentadoria por idade à auxiliar de escritório BRANDINA BOLNER LOPES, portaria nº 1.923/2008.
Autorizo o registro de PAULO ROBERTO PADILHA e Brasília/DF, portaria nº 1.912/2008.
Concede aposentadoria a professora NILSO MADALENA BASEGIO LIMA, por tempo de contribuição, a contar de 06 de maio de 2008, portaria nº 1.942/2008.

Paulo Roberto Padilha, Presidente
Marcelo Domingues Ebling, Diretor Administrativo

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE
Ministério da Educação
BRASIL

AVISO DE ALTERAÇÃO DO EDITAL
Pregão Eletrônico n.º 63/2009
Registro de Preços

O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE, torna público para o conhecimento de quem possa interessar que a data de abertura do **Pregão Eletrônico n.º 63/2009**, que tem como objeto o Registro de Preços para aquisição de equipamentos e materiais permanentes diversos (informática, audiovisual, mecânica, entre outros) teve alterada para o dia **29/07/2009, às 9h**. Os interessados poderão obter o novo Edital, com as devidas alterações, no site www.comprasnet.gov.br. Mais informações através dos telefones (53) 2123-1152 ou 2123-1094 da Assessoria de Licitações.

DENISE BONOW
Assessora de Licitações do Instituto Federal Sul-rio-grandense

NELDA PROVESANI, Oficiala do Registro Civil das Pessoas Naturais desta comarca, faz saber que pretendem casar: ANTONIO VALDECIR SANTANA PADILHA e MARINETE RODRIGUES DOS SANTOS; PREDOLINO NUNES DE MORAIS e MARIA SIRLEI DA SILVA PIRES; FABIO PEREIRA RIBAS e ADRIANA GALERA PARNOFF; ILAI NATAL FERRARI e CRISTINA DE MENTA KIELING; JOAO MARCELO FLORENCIO DE VARGAS e LUCIANE BUTTINI. Quem souber de algum impedimento, oponha-o na forma da Lei.

Passo Fundo, 15 de julho de 2009.
Oficiala Nelda Provesani

EDITAIS DE CASAMENTO NºS 29.267 A 29.275

EDITAL DE CITAÇÃO-EXECUÇÃO
1ª Vara Cível - Comarca de Passo Fundo

Prazo de 30s (TRINTA) DIAS. Autos nº Execução de Título Extrajudicial Processo 021/1.05.0156543-3. Exequente: Banco do Brasil S/A executado: Maria B.G.Vargas-Me e outros. Objeto: CITAÇÃO de Maria B.G.Vargas -Me,atualmente em lugar incerto e não sabido,para que pague(m) no PRAZO de 3 dias (72 horas) o débito no valor de R$ 42.494,27 e demais cominações legais,ou no mesmo prazo nomeie bens à penhora,sob pena de,não sendo apresentados Embargos tantos bens quantos bastem para garantir a execução.

Passo Fundo,28 de maio de 2009.
SERVIDOR:Alberto Soares de Oliveira
JUIZ: Clóvis Guimarães de Souza

CÂMARA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO

AVISO DE LICITAÇÕES

A CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE PASSO FUNDO, torna público para conhecimento dos interessados que encontram-se abertas as seguintes licitações:

EDITAL nº 082/2009
MODALIDADE: convite
TIPO: Menor Preço - Empreitada Integral
OBJETO: Contratação de empresa especializada para o fornecimento, instalação e importação, com fornecimento de material e mão-de-obra especializada, de um SISTEMA DE CLIMATIZAÇÃO E EXTRAÇÃO FORÇADA, por meio de fotocélulas e outros equipamentos necessários ao sistema.
RECEBIMENTO ENVELOPES: 04.08.2009 -09h00 min. no Plenário da Câmara.

EDITAL nº 070/2009
MODALIDADE: convite
TIPO: Menor Preço Global
OBJETO: Aquisição de material gráfico para atender as necessidades da Câmara Municipal, conforme especificações constantes do Edital.
RECEBIMENTO DOS ENVELOPES: 24.07.2009 - 09h00 min. no Plenário da Câmara.
Os edital e demais informações das licitações, poderão ser obtidos junto à Comissão Permanente de Licitações, sito à Rua Dr. João Fortes, nº 75, Passo Fundo, de segundas às sextas-feiras, durante o horário de expediente, pelo telefone (54) 3816-7510, ou pelo endereço eletrônico: www.pmpf.rs.gov.br.

Passo Fundo, 17 de julho de 2009.
Vereador Odgenel Bonoga - Presidente

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
Edital de Citação- Execução Tít.Extrajud
3ª Vara Cível- Comarca de Passo Fundo Prazo de 20(vinte) dias Naturais. Execução de Título Extrajudicial Processo:001/1.05.0035014-5 Exequente: Banco do Estado do Rio Grande do Sul Executado:J A Industria e Comercio de Madeira Ltda e outros.
Objeto: CITAÇÃO de J A Industria e Comercio de Madeiras Ltda. CNPJ 02.367.343/0001-04 e Alceu Antonio Medeiros Soares, CPF 174.158.800-20, ou somente um deles, ou quem mais estiver na(s) casa(s) no(s) imóvel(is) no prazo de três dias,o débito de R$ 11.665.082,04 com vencimento em 25/08/2008 e demais cominações legais,ficando ciente de que havendo pagamento integral no prazo legal a verba honorária será reduzida pela metade.Poderão os executados oferecer embargos no prazo de 15 dias. No prazo dos embargos, reconhecendo o executado o crédito do exequente ,e comprovando o depósito de 30% do valor inclusive custas judiciais e honorários ,poderá(ão) requerer o pagamento do restante em 06 parcelas mensais sucessivas de correção monetária e juros de 1%ao mês,com penhora de um não havendo sanam-lhe(s) penhorarem tantos bens quantos bastem para garantir a execução.
Passo fundo,26 de junho de 2009
SERVIDOR: Ana Maria Nogueira Escivão Judicial
JUIZ: Lizandra Cerqueira Villarroel.

ERRATA

Comunicamos que o edital, Aviso Pregão Presencial, da Prefeitura de Tapejara que deveria ter sido publicado na edição do dia 15 de julho, por força maior está sendo publicado na edição de hoje.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPEJARA
AVISO DE PREGÃO PRESENCIAL
OBJETO: Aquisição de Emulsão Asfaltica.
DATA DO INICIO DA DISPUTA: 27.07.09, às 14:30h.
Informações: Telefone 54-3344 1077 e no horário das 8:30 AS 12:00 e das 13:30 AS 18:30 horas, ou no Setor de Licitações na Rua do Comércio, 1466.
Tapejara,14 de Julho de 2009.
Mirvais Brusso Milani
Pregoeiro

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO
PORTARIAS
576 -Rev. port. FGs MARIA F. NASCIMENTO, EDEMIR N. ALMEIDA
577 -Designa FG WILLIAMS SCHNEIDER PS-1 15.07.09, CRISTIANE DOS SANTOS PS-2 02.07.09
Alt. FGs DINO SILVA PS-1 02.07.09, JAIRO S. LIMA PS-2 01.07.09
578 -Alt. GCs RUDIMAR PEREIRA CCG-1 15.07.09, LUIS SILVEIRA CCG-1 15.07.09
579 -Rev. Port. 838/09 EDSON JACOMELLI, dobra p/ at.21.07.09
580 -Nom. CCs a/c 15.07.09, AUGUSTO BERMO CC-5, ANDRE AVELINO CC-5, Alt. CC RENATA TAFLA p/ CC-5 01.07.09
Aviso de Licitação
Modalidade: **PREGÃO ELETRÔNICO nº 067/2009**. Objeto: **Aquisição de medicamentos.** Abertura **28/07/2009 as 9 horas**. Edital: www.cidadecompras.com.br e www.pmpf.rs.gov.br. Informações: Rua Dr. João Fortes nº 75, Centro, Passo Fundo/RS ou pelo telefone: (54) 3311-4402.
FAC-SIMILE não será aceito.
CONVOCA A VII CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E 24 OUTRAS PROVIDÊNCIAS
O PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO, no uso de suas atribuições legais, e nos termos do Processo nº 2009/10992
DECRETA
Art. 1º - Fica convocada a VII Conferência Municipal de Assistência Social com o objetivo geral de avaliar e propor diretrizes para o aperfeiçoamento do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, na perspectiva da participação e do controle social.
Art. 2º - As diretrizes serão norteadas pelos seguintes eixos temáticos:
I - Processo histórico da participação popular na política brasileira e significado do controle social específico de assistência social e conselhos de assistência social e o SUAS;
II - Os usuários e seu lugar político no SUAS, e a ampliação e acesso do BPC-LOAS em relação aos critérios de sua elegibilidade;
III - Democratização da gestão do SUAS: entidades de assistência social e vínculo SUAS;
IV - Bases para a garantia do financiamento da assistência social.
Art. 3º - A VII Conferência Municipal de Assistência Social, realizar-se-á no dia 29 de julho de 2009, no Centro de Eventos do Colégio Notre Dame.
Art. 4º - O Evento terá como tema central: "PARTICIPAÇÃO E CONTROLE SOCIAL NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (SUAS)".
Art. 5º - A designação de delegados e suplentes a VII Conferência Estadual de Assistência Social deste município será feita pelo CMAS.
Art. 6º - Os resultados da Conferência Municipal ora instituída e a realização da VII Conferência Estadual, no mês de junho de 2009, em Porto Alegre/RS e sede, a Conferência Nacional de Assistência Social que acontecerá no período de 30 de novembro a 03 de dezembro de 2009, em Brasília/DF.
Parágrafo Único - Os resultados com a síntese das discussões da Conferência Municipal deverão ser encaminhados ao Conselho Estadual de Assistência Social até o dia 21 de agosto de 2009.
Art. 7º - Cabe à Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social e ao Conselho Municipal de Assistência Social, a adoção de todas as medidas necessárias ao cumprimento das diretrizes do presente decreto.
DECRETO Nº 65/2009
REGULAMENTA A IMPLANTAÇÃO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PASSO FUNDO
O PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO, no uso de suas atribuições legais, na forma do art. 116, Inciso VIII da Lei Orgânica do Município de Passo Fundo, e visto do Processo nº 2.2007/015-1,
Considerando as disposições do Lei nº 4.209, de 26 de maio de 2009, que institui na grade curricular das Escolas Municipais de Ensino Fundamental de Passo Fundo a disciplina de filosofia;
Considerando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Lei 2694/96, em seu art. 26 que determina que os currículos do ensino fundamental devem ter um base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais locais da sociedade;
Considerando a realidade em que se encontra a rede municipal de ensino, que hoje conta com o acesso de mais de um (01) mil e duzentos estudantes municipais, somando-se quatro (04) escolas municipais com mais de mil professores habilitados;
Considerando a lista de professores habilitados com base em um filosofia no quadro de magistério municipal.
DECRETA
Art. 1ºA Disciplina de filosofia será incluída na grade curricular nas áreas fins do ensino fundamental.
§ 1º Os aspectos metodológicos, pedagógicos, psicológicos e científicos constituídos das aulas na referida disciplina serão de diretrizes curriculares da Secretaria de Educação do Município de Passo Fundo.
Art. 2º A implantação da disciplina de filosofia será feita de forma gradual nas escolas, de acordo com o presente momento não contam com nessa disciplina.
Art. 3º As despesas decorrentes da execução do presente Decreto correrão por conta de dotações orçamentárias próprias da Secretaria municipal de Educação, consignadas no orçamento vigente e a serem consignadas nas propostas orçamentárias dos exercícios futuros.
Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
ARITON DIPP - Prefeito Municipal
PAULO AMADEU - Sec. Administração

Um novo hábito que toma ônibus e praças

Ao longo dos 360 dias do ano em que não está empenhada na realização da Jornada Nacional de Literatura, uma equipe trabalha na montagem de projetos bem sucedidos, como o programa de TV infantil *Mundo da Leitura*, produzido pela UPF e que chegou a 120 países por meio da Globo Internacional. Outra iniciativa é o ônibus O Fabuloso, biblioteca itinerante que percorre bairros da cidade levando livros a toda a população. Há também o projeto Livro do Mês, que invade ônibus, indústrias e praças com debates sobre obras previamente escolhidas e divulgadas pelos meios de comunicação.

– A gente sabe com antecedência qual será a obra daquele mês. Lemos e depois participamos de uma conversa com o escritor. É muito bom para conhecer um mundo tão distante da gente – explica a estudante de curso pré-vestibular Andrea Ferreira, 21 anos.

É com essa alma que o projeto conquista leitores e até forma escritores. A estudante Isadora Sbeghen, 14 anos, que cursa a 8ª série da escola Meninó Jesus, colhe os resultados da jornada. Desde 2005, ela participa do evento. Na sala de aula, frequentou oficinas que a aproximaram dos livros e do mundo da escrita. Há quatro anos, em razão de uma doença que impediu sua avó, Iris Maria, 80 anos, de escrever, Isadora começou a ajudá-la a manter a correspondência com a amiga Jaime, 82 anos.

– Gostaria a escrever e não parei mais. Muito do que aprendi em projetos da Jornadinha foram usados na troca de cartas. Esse gosto pela escrita me ajudou. Depois de algum tempo, eu fiz amizade com a amiga da vó e troco confidências semanais com ela usando papel, caneta, envelope e selo – conta, aos risos.

A atração por escrever usando papel e caneta é tamanha, que ela é uma das poucas meninas de sua classe a deixar de lado o bodalado e-mail em troca de envelopes coloridos e selos, que escolhe com empolgação em livrarias. A troca de textos ocorre, ao menos, uma vez por semana.

Ao escrever cartas para a avó, Isadora utilizou muitos dos conhecimentos adquiridos por meio da participação na Jornadinha

Um livro por noite

As irmãs gêmeas Rafaela e Bianca, 13 anos, e Gabrielle, 11, são filhas do evento de literatura. Criadas entre livros graças à influência da avó, a professora Dalva Bisognin, que organizou edições do encontro literário, cresceram ouvindo histórias. Com o tempo, passaram a ler e se apaixonaram pelo mundo da leitura. Gabrielle é a mais vidrada nas palavras. Com desenvoltura, declama poemas de Vinicius de Moraes, um de seus autores preferidos.

– Aprendi na escola. E esta é uma das melhores maneiras de se passar o tempo, não? – pergunta.

As gêmeas, já conectadas ao grande universo de possibilidades da internet, usam e abusam da rede mundial de computadores para ter acesso ao mundo dos livros. Assíduas leitoras de revistas destinadas ao público adolescente, não deixam de recorrer ao endereço eletrônico de livrarias para comprar obras impressas no papel.

O vício adquirido em casa, quando ainda eram pequenas e, sem saber ler, apenas olhavam desenhos em obras infantis, resultou em leitoras críticas e exigentes, que, segundo a avó, chegam a devorar um livro em uma noite.

Rafaela, Bianca e Gabrielle (da esquerda para a direita) cresceram ouvindo histórias graças à influência da avó, organizadora do encontro

As asas metálicas de uma nova geração

Jornadinha de Literatura: quinta edição do movimento voltado especialmente ao público infanto-juvenil debate a inserção das novas gerações em um mundo marcado pela tecnologia e tem como uma das atrações mais aguardadas o aclamado autor Pedro Bandeira, homenageado desta Jornada

Marina de Campos/ON

Aceita a realidade: de agora em diante as crianças já não serão mais as mesmas. Perderão seus filhos cada vez mais cedo, verão o crescimento deles em ritmo acelerado enquanto tentam para que lhe ensinem um botão de vida em última leitura, e sentirão a dor lancinante de ver surgir rotas não mais aos bilhas de duzes planos humanos, mas do Sol, dispositivos e aparelhos cirúrgicos que os levarão para longe na busca velocidade de um clique - um futuro presente inevitável, uma guerra perdida antes mesmo de começar. Nessa nova realidade em que as crianças parecem habituadas à tecnologia desde o nascimento, ultrapassando o conhecimento de seus próprios pais e professores no que diz respeito a uma tão precisa e perigosa área, o melhor a fazer é aceitar e reaprender. Aceitar que os tempos mudaram, mas que devem ser mantidos, reaprender a lidar com seres agora munidos de armas que ainda são consequências compreender por completo e em meio dessas questões que giro a 5ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo.

Com início na terça-feira, 27 de outubro, a grande manifestação voltada especialmente ao público infanto-juvenil e ao debate dos rumos que essa geração tem tomado promete ser um divisor de águas na história do grande processo de democratização e incentivo à leitura que vem acontecendo em Passo Fundo. Para falar dessa mudança de comportamento e suas imprevisíveis consequências, talvez não haja ninguém mais adequado do que Pedro Bandeira, autor que acompanhou - e ajudou como poucos - inúmeras gerações de crianças e adolescentes com suas tramas inteligentes e sua narrativa que não menosprezam a inteligência dos mais novos. Referências aos corcéis de pesadelorismo, aborígenes dos abismos da ciência moderna, semelhanças diretas com distopias, como Admirável mundo novo e Laranja mecânica, tudo isso está em A droga da obediência, maior clássico do autor. Espantoso? Pois não deveria ser. Afinal, quem disse que a literatura infanto-juvenil precisa se esquivar de temas importantes e navegar apenas em águas rasas? Pelo contrário. É por esse empenho em ser honesto e transparente com seu público que Bandeira será o homenageado desta edição e uma das atrações mais aguardadas da 5ª Jornadinha de Literatura.

Programação

27 e 28 de outubro - alunos de 1º a 4º anos do ensino fundamental
Local: Circo da Cultura
8h - Sessão de abertura com Gato Gali-Leu e grupo Thril
8h45 - Contação de histórias, com Fátima Café
10h - Conversa com o escritor Pedro Bandeira - escritor homenageado
10h45 - Show musical De Pixie para Rhon - Paulo B
11h30 - Intervalo para o almoço
13h30 às 17h30 - Atividades paralelas
- Visitação ao espaço de computadores
- Especiando teatral História de ser criança, com Fabiano Tadeu Grazioli
- Especiando teatral De A a Zigg, com Ivan Zigg
- Oficina de dobraduras com Glaucia Lombardi
14h às 16h30 - Conversa com escritores nas linhas coloridas em sistema de rodízio: Alina Claudia Ramos, Fernando Vilela, Gian Calvi, Jô Jô, Henrries Bernardi Jr., Flávio Paiva, Ivan Zigg, Mario Baq, Inácio de Loyola Brandão, Matilda Castanha, Odilon Moraes, Gilles Eduar

29 de outubro - alunos do 5º a 9º ano do ensino fundamental
Local: Circo da Cultura
9h - Sessão de abertura com Gato Gali-Leu e grupo Thril
9h45 - Show com Os PoETS
10h - Conversa com o escritor Pedro Bandeira - escritor homenageado
10h45 - Show musical No bail a música do Brasil, com grupo Repercussão
11h30 - Intervalo para almoço
12h30 às 17h30 - Atividades paralelas
- Visitação ao espaço de computadores
- Especiando teatral História de ser criança, com Fabiano Tadeu Grazioli
- Especiando teatral De A a Zigg, com Ivan Zigg
- Oficina de dobraduras com Glaucia Lombardi
14h às 16h30 - Conversa com escritores nas linhas coloridas em sistema de rodízio: André Neves, Anna Claudia Ramos, Braulio Tavares, Ernani Sá, Fernando Vilela, Carlo Frabetti (Espanha), Lúcia Hiratsuka, João Emílio Braz, Rosana Rios, Mário Teixeira, Laurenço Cazarré, Índigo

30 de outubro - alunos do ensino médio
Local: Circo da Cultura
9h - Sessão de abertura com Gato Gali-Leu e grupo Thril
9h30 - Show com Os PoETS
9h45 - Conversa com o escritor Pedro Bandeira - escritor homenageado
10h45 - Show musical, com banda Afrobeggae
11h30 - Intervalo para almoço
12h30 às 17h30 - Atividades paralelas
- Visitação ao espaço de computadores
- Mostra do Filme Árabe que o mundo árabe, com direção de Ana Luiza Azevedo - Roda Cine
- Oficina de dobraduras com Glaucia Lombardi
14h às 16h30 - Conversa com escritores nas linhas coloridas em sistema de rodízio: Índigo, Gustavo Melo, Ernani Sá, Allan da Rosa, Ricardo Silvestrin, Guilherme Pinto, João Emílio Braz, André Diniz da Silva

"É mais difícil escrever para as crianças"

Escritor e matemático, Carlo Frabetti, vê na leitura a oportunidade de instruir crianças para o futuro

Texto: Leonardo Andreoli/ON
Foto: Marina de Campos/ON

Aparentemente mais simples, os livros infantis tomam muito mais tempo dos escritores em relação às obras direcionadas aos adultos. A afirmação foi feita pelo conferencista do penúltimo dia da Jornada, Carlo Frabetti, em entrevista coletiva na manhã de ontem. O espanhol vê nos livros um dos poucos espaços a serem utilizados para educar e instruir as crianças para o futuro.

"O futuro dependerá de uma enorme medida de educação e instrução que damos as crianças de hoje. A leitura neste sentido tem um papel fundamental. Praticamente não há outros espaços, onde as crianças encontrem modelos distintos aos nefastos modelos de conduta, êxito e felicidade que oferecem continuamente os meios audiovisuais, sobretudo a televisão", afirma. Para ele a televisão é um invento magnífico com potencial enorme. "O problema é ser meio para transmitir a ideologia da sociedade de consumo, suas mensagem publicitárias que identificam a felicidade como a posse de muitos direitos materiais e ser mais do que os demais. Quando a missão deveria ser mais com os demais, na colaboração e participação", diz. Segundo Fabretti o problema não são os meios, e sim os conteúdos.

Para crianças

Sobre trabalhar com crianças ele destaca que é muito mais difícil escrever para esse público quando se pretende fazer um bom trabalho. "É como a poesia. Não há nada mais fácil do que escrever um poema, e não há nada tão difícil quanto escrever um bom poema", compara. Conforme ele é muito mais fácil escrever um mal livro infantil, por eles não passarem pelas mãos dos críticos, e pela facilidade de publicá-lo. "Escrevo para adultos e crianças e levo aproximadamente o dobro do tempo em escrever um livro infantil, mesmo sendo muito mais curtos, porque a exigência é muito maior. Quando te dirges a um adulto podes contar com a cumplicidades e exigir um certo esforço", argumenta. Ele acrescenta que isso não quer dizer que os textos devam ter significado limitado. "Deve-se ter em mente que sua experiência de linguagem e de vida é limitada", conclui.

Sobre a facilidade que as crianças encontram na Internet para escrever de forma mais informal, e com o uso de abreviações ele afirma: "o hábito de praticar a escrita estava se perdendo. É melhor escrever um pouco, do que não escrever nada."

Poetas Inocentes

Nem só de grandes escritores se faz uma Jornada. E as crianças provam o quanto se dedicam às letras. Os Poetas Inocentes, de Coxilha, fizeram na tarde de ontem o lançamento do quarto volume da série. Os pequenos aproveitaram para autografar a obra e também visitar a Jornada de Literatura.

Afro-Reggae

Apresentação do grupo fez vibrar a lona minutos antes da conferência de Fabretti

Já visitou o maior evento literário do Brasil?
Ainda dá tempo!
13ª Jornada Nacional de Literatura
O NACIONAL avesso
UPF Universidade de Passo Fundo
ON na Jornada

A nova geração invade a Jornada

Nas loninhas, na livraria, ou nos espaços de autógrafos os pequenos leitores devoram a informação, independente da forma como é repassada

Texto e Fotos: Leonardo Andreoli/ON

Um mundo novo se abre na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura. Milhares de pequenos leitores vindos de diversas cidades invadem o Circo da Cultura e as loninhas coloridas para conversarem com os autores das obras estudadas em sala de aula desde março. Os participantes da Jornadinha são o reflexo da Arte e tecnologia: novas interfaces, tema central da maior movimentação cultural da América Latina. Acostumados a procurar jogos e informações na Internet as crianças se impressionam com as inovações encontradas pelas editoras para deixar os velhos e conhecidos livros mais convidativos e dinâmicos.

Antes de ir para as loninhas a galerinha se diverte na livraria. De várias formas, cores e tamanhos os livros apresentam histórias que fogem das páginas e aguçam a imaginação e o interesse dos leitores. Mas não são apenas as crianças

que se encantam com tanta novidade. Alguns leitores mais grandinhos também vasculham a sessão de obras para públicos mais jovens em busca de novidades. É o caso de Luciana Silveira, 18 anos, a leitora assídua de gibis demonstra a empolgação: "é muito show, as crianças, e nós também, ficamos loucos com tudo isso. No meu tempo de criança não existiam livros assim".

A procura

Entre uma pilha e outra de livro encontramos a pequena leitora Milena Soares, de oito anos. A garota veio de São Caetano e conta as impressões da Jornadinha: "Tá muito legal, na minha cidade não tem tantos livros assim". A menina prefere os livros de aventura e de pintar e buscava algum que a agradasse e que pudesse comprar com R$5. Depois de vasculhar diversas prateleiras encontrou o livro para colorir Filhotes. Ela gosta de ler para aumentar o conhecimento. Mesmo sem computador em casa, Milena está ligada nas tecnologias e aproveita para usar a Internet na casa das amigas.

Tímida

Um sorriso tímido, folheando algumas páginas, Suzana Galera, oito anos, é leitora assídua. Em casa ou na sala de aula toda hora é hora de ler. Histórias de aventura e de animais são as favoritas da pequena. "Na minha casa todo mundo gosta de ler", conta. Ela veio de Pontão especialmente para encontrar o autor homenageado da Jornada de Literatura, Pedro Bandeira.

Ele encontrou

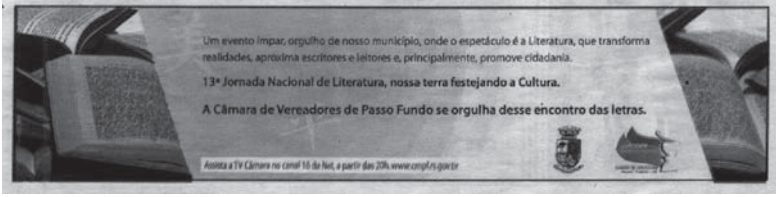
Caetano Quevedo andava contente segurando os livros adquiridos na Jornada. "Gosto de ler para me divertir", disse. Na sacola um livro de piadas e outro com histórias do Batman.

Nas loninhas

No encontro com os autores a galerinha aproveitou para tirar as dúvidas sobre as obras lidas e conhecer o processo de criação utilizado pelos escritores. Entre eles Vinícius Burlamaque, sete anos, de Passo Fundo, se esticava para aparecer na foto. "Leio toda a noite e prefiro livros maiores porque a cada dia posso saber um pouco mais da história", afirma. Na Internet o guri procura jogos e também mata a curiosidade sobre alguns assuntos.

Homo Zappiens

Ainda com o pensamento na entrevista coletiva com o pesquisador holandês, Wim Veen, vemos que os tais ***Homo Zappiens*** – aquele que evoluiu do *Homo Sapiens* devido a convivência com a tecnologia – não está longe e pode ser encontrado aos punhados na Jornada Nacional de Literatura.



12ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA DE PASSO FUNDO

AMIGOS DE ACRÍLICO

Bonecos animam Jornadinha

Crianças se divertem com criaturas do argentino Catin Nardi, que já figuraram em novelas da Globo

Passo Fundo

LEANDRO BELLES

As criações do bonequeiro argentino Catin Nardi, radicado em Mariana (MG), já desfilaram pela abertura de novelas da Globo como *As Filhas da Mãe* e pela minissérie *Hoje é Dia de Maria*, dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

As crianças que estiveram ontem na Jornadinha de Passo Fundo puderam conhecer ao vivo o fascínio das criaturas gigantes de resina acrílica.

O boneiro, que formam o tradicional Cortejo Bicentenário de Catin Nardi e sua Banda Navegantes, vieram de Minas Gerais para animar as manhãs e tardes da Jornadinha, e foram atração garantida no meio da garotada. Os pequenos se apresentaram, tiraram fotos e até cobraram na dança.

Foi o caso de Rodrigo Varnier, nove anos, aluno da 3ª série do Grupo Escolar Frei Caneca, na cidade de Guaporé, distante 108 quilômetros de Passo Fundo. Entusiasmado com a batucada que seguia o grupo, Rodrigo escolheu como parceira a própria Carmen Miranda, ou melhor, sua representação bonequeira – os bonecos representam ritmos de vários países.

leandro.belles@zerohora.com.br

RODRIGO VARNIER, 9 anos, aluno da 3ª série do Guaporé

"Foi muito legal."

Sem timidez, Rodrigo dançou com o boneco que representa a diva do MPB Carmen Miranda (acima)

A Jornada Nacional de Literatura trabalha, durante todo o ano, em projetos para ensinar as pessoas a gostarem de ler. As crianças recebem atenção especial, pois são elas que serão os adultos do futuro. Por causa disso, muitas crianças aprenderam a gostar dos livros durante a oficina. Algumas delas acharam tão legal ler que decidiram escrever suas próprias histórias.

Foi isso que aconteceu com Lucas Pereira Rodrigues, 12 anos. Ele é de Passo Fundo e por ser fã de histórias de aventura e terror escreveu seu próprio livro. Ontem, ele lançou sua segunda obra, que se chama *O OVNI, a Criatura e o Morto Vivo*, que narra aventura com extraterrestres, monstros e zumbis.

Lucas lançou segundo livro

Para ir hoje

- **Arquitetura, Pintura e Espaços Virtuais** – mesa redonda com André Sant'Anna, Antonio C. Sartini, Diana Domingues, José Eduardo Agualusa, Lúcia Sartinella e Uniorlei Brascalo. Às 14h, no Palco da Debates.
- **Afroflaggos** – show. Às 19h, no Palco de Debates.
- **A Indústria Cultural e a Formação de Leitores** – Conferência com Carlo Frabetti. Às 20h.

Colégio João Paulo I

JORNADA NACIONAL DE LITERATURA

Petrobras Banrisul Caixa Eletrobrás Grandoja Ambev SESC SENAC

www.jornadadeliteratura.upf.br
Fone: (54) 3316 8368

DIÁRIO CONEXÃO
Passo Fundo
Carazinho
Erechim
Quarta-feira, 28 de outubro de 2009

"Queremos mais leitores no Brasil."

O grito de guerra da Jornadinha, bradado a plenos pulmões, foi o pontapé inicial para sua 5ª edição, que começou ontem – no mesmo dia em que a Jornada se encontrou com um companheiro pouco conhecido: o calor.

Fábio Rockenbach
fabio@diariodoconexao.net

"Queremos mais leitores no Brasil."

O grito de guerra que todas as crianças que vêm à Jornadinha conhecem de cor arregimenta novas vozes a cada edição. Pelo 5º ano, a versão mirim da Jornada de Literatura iniciou oficialmente na manhã de ontem mostrando que a cada edição, vem ganhando novo fôlego. Neste ano, são 17 mil crianças inscritas – e o processo de constante renovação do gosto pela leitura avaliza o principal objetivo da Jornada: o de formar novos leitores.

A presença da turma do Gato Gabriel(o (o próprio gato, Mil fazeres e Natália) foi o ponto de partida para quatro dias de intensa atividade. Na verdade, durante o dia, elas – as crianças – são as donas de todo o complexo montado no Campus I da UPF. Maravilhadas com o show de abertura do Grupo Thoft, gritando a plenos pulmões a canção-tema da Jornada deste ano ou invadindo os canteiros do Centro de Eventos em um piquenique informal, elas decretaram: a jornada pertence a elas.

Assim, experimentando cada canto da Jornada, as crianças tomaram conta da terça-feira. Só não conseguiram eclipsar o sorriso contagiante e constante de Pedro Bandeira, homenageado desta edição da Jornada e o mais lido autor infanto-juvenil do Brasil. Bandeira conversou com os pequenos durante a abertura da jornadinha e concedeu autógrafos para uma geração que faz dos escritores uma espécie de heróis. E a exemplo do que aconteceu na noite de abertura, a lembrança de Roberto Piravano Zanatta, que faleceu com apenas nove anos, emocionou Tania Rösing: "Quando ele lançou 'O Explorador e suas Aventuras' em 2007, eu disse a ele que queria uma obra para a Jornadinha. E ele escreveu, mesmo estando muito doente: 'O Caça-Monstros'. Hoje o Roberto é uma estrela", disse ela.

Calor provocou um baile inusitado com as crianças

"Fornada" de literatura

Durante a tarde, crianças de 1ª à 4ª série dividiram-se nas quatro lonas onde Anna Cláudia Ramos, Hermes Bernardi Jr., Ignácio de Loyola Brandão, Fernando Vilela, Flávio Paiva, Marilda Castanha, Gian Calvi, Ivan Zigg, Odilon Moraes, Jonah, Mario Bag e Gilles Eduar trocavam idéias com os pequenos. Dividindo espaço com a atenção dos pequenos e a quase incontrolável tendência a rir e conversar, estava o calor.

"Que calor terrível. As outras lonas estão assim também?" A pergunta aflita de Anna Cláudia Ramos, escritora convidada da Jornadinha mostra que nem os escritores escaparam – na frente deles, as crianças se abanavam. O mais incrível de tudo: elas não davam bola.

Animação no Circo da Cultura

Para quem estava acostumado e conviver com os casacos pesados nas jornadas anteriores, encarar o calor da terça-feira foi difícil. Nem tanto pela temperatura que fazia, mas pelo verdadeiro efeito estufa embaixo das lonas lotadas. Na abertura do palco de Debates da tarde, Ignácio de Loyola Brandão – com um humor de dar inveja a comediantes consagrados, dando um show à parte – brincou: "Estava na Lona Azul da Jornadinha. Fugi."

No próprio palco, Alcione Araújo se abanava e brincava com seu próprio sofrimento com o calor. Nas cadeiras, o movimento de livros e folhetos sendo abanados mostava um pequeno balé à parte. A jornada em tempos de calor é uma novidade. A jornadinha, porém, é uma realidade. Hoje ela pressegue, com os mesmos autores – e provavelmente com o mesmo calor.

Zappiens na Lona

Durante a abertura da Jornadinha, os pequenos mostraram que a tecnologia é rotineira no seu dia a dia. Alguns registravam tudo com câmeras digitais, outros apontavam seus celulares para o palco, faziam pose uns para os outros, tiravam do bolso seu MP4. É a tendência cada vez mais consolidada a cada geração. Na lona principal, na manhã de terça-feira, os pequenos alfabetizados tecnológicos mostraram que o mundo totalmente ligado pela tecnologia, defendido por Wil Veen na conferência da segunda à noite, é realidade. Na verdade, a única realidade que eles concebem...

Bandeira para a gurizada

É algo interessante de se notar na Jornada: por mais badalados que sejam os nomes da literatura dita adulta, pop mesmo são as estrelas da Jornadinha, como o escritor homenageado deste ano em Passo Fundo, Pedro Bandeira.

Para um circo lotado de uma petizada de quarta-feira atenta e ardorosa, Bandeira contou causos, falou de seus livros, inventou histórias, imitou vozes com a habilidade de um locutor experimentado e foi tão performático quanto o gato fantoche Gali-Leu, o boneco símbolo e apresentador da Jornadinha.

Depois de uma divertida palestra na qual até imitou vozes, escritor autografou obras para leitores

Aos 67 anos e veterano de palestras e feiras pelo Brasil afora, Bandeira interage com a criançada com a empolgação de um garoto. Gosta de falar de seus livros e de sua carreira, que já soma 80 títulos e 21 milhões de exemplares vendidos – é o mais vendido autor de livros para crianças e jovens. Mas dá para ver que Bandeira se diverte mesmo é com as perguntas da gurizada.

– Qual dos seus livros o senhor mais gosta?

– O próximo que eu vou escrever – responde, com uma voz grossa e retumbante.

– De onde o senhor tira inspiração para os seus livros? – pergunta uma garota.

– De vocês todos, de todos os meus leitores. Eu gosto de divertir os meus leitores – responde Bandeira, caminhando pelo palco e alterando a voz de um cômico falsete para um grave retumbante.

O jovem Felipe Lima Salomão, 10 anos, aluno da 4ª série da Escola de Ensino Fundamental St. Patrick, de Passo Fundo, dá um passo à frente e pede o microfone.

– O senhor gosta de livros de mistério, não? Estava bem legal o mistério de "Descanse em paz, meu amor!".

– Mas você leu esse? – surpreende-se Bandeira.

E completa:

– Achei que esse era para crianças mais velhas porque era um livro de mecredo *(o medo final é dito com uma entonação de Zé do Caixão e arrastando as vogais)*.

Felipe leu, não teve medo, gostou e se entusiasmou tanto que escreveu seu próprio livro de mistério, *O Assassinato do 10º Andar*. Ele era colega e grande amigo do jovem Roberto Piovezo Zanatta, que morreu em 2008, foi homenageado com o lançamento de três livros na Jornada deste ano. Ambos trocaram idéias para seus livros de suspense e mistério.

Depois da função no palco, Bandeira ainda tem outra maratona: uma fila de autógrafos cheia de pessoas barulhentos e entusiasmados. Bandeira atende a todos com paciência.

> *Eu gosto de divertir os meus leitores.*
>
> PEDRO BANDEIRA
> autor homenageado na 13ª Jornada

Autografa o livro com uma caneta vermelha, em uma caligrafia grande e angulosa. Sorri para a foto inevitável da câmera do celular. Uma vez. Não deu certo a primeira pose, ele a repete. Manda um abraço. Próximo autógrafo, próxima câmera.

– Eu achei ele muito legal – diz Guilherme Cezar, 10 anos, do Colégio Nossa Senhora da Conceição, que levou para casa um exemplar de *Os Três Mosqueteiros* (Ática) recontado pelo autor[1].

Na escola, Guilherme leu com colegas outra obra de Bandeira, *Fábulas Palpitadas*, 13 fábulas, 12 delas de Esopo[2], recontadas em verso pelo autor. Ele, assim como a colega Gabriela Martins Fien, é unânime em apresentar sua favorita.

– A do macaco é muito massa.

Eis aí, nas palavras de seus leitores, também uma boa definição de Pedro Bandeira. (**Carlos André Moreira**)

NOTAS:

(1) O autor original, você deveria saber a esta altura, é Alexandre Dumas.

(2) Esopo foi um lendário escritor grego que teria vivido no século 6 a.C., mas de quem pouco se sabe além disso. Seria o autor original de fábulas como *A Cigarra e a Formiga*.

DIÁRIO DA MANHÃ

QUARTA-FEIRA

Passo Fundo ♦ Ano 74 ♦ Nº 219 ♦ R$ 1,50 | 28 de outubro de 2009 | Jornalismo com Responsabilidade ♦ www.diariodamanha.com.br

SOS MATA ATLÂNTICA

Exposição itinerante inicia hoje

Já está estacionado no Parque da Gare o caminhão do projeto "A Mata Atlântica é aqui – exposição itinerante do cidadão atuante" da Fundação SOS Mata Atlântica. O projeto permanece na cidade, primeira no Estado a receber o caminhão, até 1º de novembro, com noções educativas sobre o meio ambiente. **Página 9**

Programa realiza atividades gratuitas de educação e conscientização ambiental para crianças e adultos

Diário na 4ª Jornada Nacional de Literatura

A VEZ DOS PEQUENOS

São 17 mil crianças inscritas para a 5ª edição da Jornadinha de Literatura

O grito de guerra da Jornadinha, bradado a plenos pulmões, foi o pontapé inicial para sua 5ª edição, que começou ontem – no mesmo dia em que a Jornada se encontrou com um companheiro pouco conhecido: o calor. A versão mirim da Jornada de Literatura iniciou mostrando que a cada edição, vem ganhando novos fôlego. São 17 mil crianças inscritas – e o processo de constante renovação do gosto pela leitura avaliza o principal objetivo da Jornada: o de formar novos leitores. ▶Conexão

Delivery de Medicamentos

med CALL

Medicamentos com segurança e credibilidade

2103 2103

0800 510 7444

EMBRAPA TRIGO

35 anos de pesquisa e inovação tecnológica

Criação de uma identidade para o cereal brasileiro e consolidação do Núcleo de Integração para o Desenvolvimento da Triticultura Tropical são os novos desafios na comemoração de 35 anos de fundação da Embrapa Trigo de Passo Fundo.

▶Páginas 6 e 7

ESCOLAS ESTADUAIS

Dia de votar nos diretores

Entre as 7h e às 22h de hoje, pais, alunos, professores e funcionários da rede estadual de ensino poderão escolher os novos diretores dos educandários. A eleição dará o direito aos eleitos de dirigir as escolas no período entre janeiro de 2010 e dezembro de 2012.

▶Página 5

SEMCAS

Em casa de família

A partir do dia 03 de novembro entra em vigor a nova Lei da Adoção, que deverá beneficiar cerca de 80 crianças e adolescentes que estão em seis Casas de Acolhimento Institucional de Passo Fundo. Pela nova lei, as crianças não poderão permanecer por mais de dois anos nos abrigos de proteção.

▶Página 8

Atividade, que mobiliza Natália Petrich e colegas, integra preparativos para Jornada de Literatura

SARANDI LITERÁRIA

Alunos dão primeiras pinceladas nas letras

Pinturas em muros tentam aproximar os estudantes do mundo dos livros

Sarandi

LEANDRO BELLES

Com tinta colorida, os estudantes do norte do Estado dão vida aos personagens dos livros estudados em sala de aula.

Eles trabalham em diferentes disciplinas sobre as histórias de autores que estarão na Jornadinha de Literatura, evento paralelo à Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, em outubro.

Liderados pela Universidade de Passo Fundo (UPF), idealizadora da jornada, colégios trabalham com a lista de obras literárias que serão debatidas durante o encontro. Só na Escola Estadual de Ensino Fundamental Doutor João Carlos Machado, de Sarandi, cerca de 200 estudantes participam das atividades, que funcionam como aquecimento para o evento.

Depois de lerem e discutirem as obras nas aulas de português, os estudantes vão até o pátio e expõem no muro o que leram. A política, segundo os professores, busca tornar mais atraente o mundo da leitura. Para a professora de português Jaqueline Freddo, 45 anos, a idéia aproxima até mesmo alunos mais alheios às letras.

– Muitas vezes o texto não é tão atraente. Neste caso, o desenho os estimula para mais leitura – diz Jaqueline.

Até o final desta semana, os 14 espaços do muro interno da escola estarão pintados. A intenção dos professores é levar a maioria dos alunos que participaram da atividade para a Jornadinha, em Passo Fundo. Lá, eles poderão conhecer de perto os autores que os incentivaram a dar as primeiras pinceladas no mundo da literatura.

leandro.belles@zerohora.com.br

Serviço

- **O que:** 5ª Jornadinha Nacional de Literatura
- **Quando:** de 26 a 30 de outubro
- **Onde: Campus** da Universidade de Passo Fundo (UPF)
- **Informações: (54)** 3316-8368

Fala o seu filho!

O livro é quase como um filme. A diferença é que, ao ler, imaginamos as pessoas e o cenário da história como quisermos.

Com os livros, podemos aprender diferentes assuntos, embarcar em aventuras emocionantes e conhecer culturas diferentes. Quanto mais lemos, temos até mais facilidade em escrever.

Se ler é tão bom, imagine conversar com quem escreveu os livros. Crianças do norte do Estado têm essa chance. Na Jornada de Literatura, que ocorre a cada dois anos, elas se encontram com os escritores e falam sobre os personagens e a história.

Colégio JoãoPaulo I

Diário da Manhã, 01.11.2009

Andressa queria conhecer a Jornada

Andressa tem 4 anos, estuda na Leonardo Ilha e queria, mais do que tudo, ver como era a Lona da Jornada. Mas não tinha como fazer isso: as crianças da creche na Leonardo Ilha não viriam na Jornada. A mãe, Juraci, trouxe a pequena com o irmão, Willian, na manhã da sexta-feira (Willian viria de qualquer forma pela parte da tarde) na esperança de conseguir mostrar para a filha o que estava acontecendo na lona principal. Pediram ajuda para a reportagem do Diário da Manhã. Ganharam o presente da comissão organizadora da Jornadinha, que conduziu mãe e filhos para dentro da lona, mesmo sem crachás. O resultado está na foto acima: a pequena Andressa não deu bola para o calor e se divertiu ouvindo Pedro Bandeira, Os PoeT's e o show do

AfroReggae. E Juraci ganhou, com esse sorriso, o maior presente do dia

Diário da Manhã, 30.10.2009

Reconhecimento

Paulo Becker fez parte do grupo de escritores e músicos que trocou idéias na manhã de ontem, no 2º Encontro de Escritores Gaúchos, ao lado de Humberto Gessinger, Duca Leindecker e Ricardo Silvestrin. Mas o professor da UPF, "biógrafo" e redator do Gato Galileu no "Mundo da Leitura", já havia tido contado direto com a criançada um dia antes – e o gato, se é uma espécie de pop-star das letras por sua ligação com a Jornada e pelo programa Mundo da Leitura, Becker teve a felicidade de ser reconhecido por crianças bem pequenas – comprovando a tese de que os pequenos valorizam quem cria as histórias e personagens que povoam sua imaginação. A sessão de autógrafos de Becker fechou o corredor ao lado da Feira do Livro.

Um dos personagens recorrentes da Jornada é o mascote Gali-Leu, um gato abusado que recebe a gurizadinha que vai ao Circo de Passo Fundo falar com os autores convidados para a festa.

Mas Gali-Leu não é só um marionete de pelúcia, é também personagem de livro infantil: *As Aventuras e Desventuras de Gali-Leu, o Gato* (Paulinas, 56 páginas), com texto do escritor Paulo Becker e ilustrações bem bacanas de Maria Goreti Betencourt. Na história, um gato nascido Mimi ganha de seu dono, pela sua vontade cada vez maior de ler, o nome de Gali-Leu. Gali-Leu lê dicionários, bulas de remédio, gibi, até listas telefônicas, e sai pela cidade buscando uma biblioteca onde possa entrar no maravilhoso mundo da leitura.

Zero Hora, 28.10.2009

No cérebro da máquina

O cruzamento da literatura com a tecnologia é o tema já tão decantado desta 13ª edição da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Um dos pontos em que esse tema é mais trabalhado é justamente na sala dos computadores próxima à área da Jornadinha. Além de computadores em rede nos quais, com auxílio de monitores, as crianças podem ter acesso à internet (e barbarizar, já que muito pouco se tem a ensinar sobre navegação para a turma dessa idade), a grande atração da sala é uma instalação digna de Bienal.

Uma esfera de fibra de vidro de um metro de diâmetro, pintada com tinta cinzenta metálica reluzente e municiada com canos sanfonados de plástico, dos usados em máquinas de lavar roupa, representa o "cérebro eletrônico" do livro virtual símbolo desta Jornada. Para espiar seu interior, as crianças precisam olhar por um visor semelhante ao da máquinas lambe-lambe e, assim, ter acesso a uma tela na qual o "livro" processa seus pensamentos.

Engenhoca que simboliza cabeça de robô atrai pequenos curiosos

– Gostei. Tem uma TV e aí aparece um boneco apontando umas coisas escritas. Bem bacana – comentou Lucas Henrique Hommerdine Aime, 10 anos, aluno do Colégio Santo Antônio.

– Aparece um braço pintando umas letras – complementa Gabrielle Fischer, 11 anos, aluna da Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro (Eenav).

Para ir hoje

- **Literatura, Teatro,** Música e Novas Tecnologias – Mesa redonda com Alcione Araújo, Eloy F. Fritsch, Fernando Bonassi, Marcelo Paiva de Souza e Márcio Ribeiro Leite. Às 14h, no Palco de Debates.
- **Cinema e** Literatura – conferência com Guillermo Arriaga. Às 20h.
- **Conversa Paralela** – com Guilherme Fiúza e Natália Guzzo. Às 14h30min.
- **Café Literário** – com Cristovão Tezza. Mediação de Ignácio de Loyola Brandão. Às 17h, no Centro de Convivência (Campus I, UPF).
- **Ficção interativa** – curso com Emily Short (EUA). Das 8h30min às 11h30min, no IFCH (prédio B4, sala 223)
- **Biblioteca escolar** – Experiências do Chile e do Brasil – curso com Constanza Mekis (CRA, Chile) e Nanci Nóbrega (UFF). Das 8h30min às 11h30min, no IFCH (prédio B4, sala 221).
- **Retratos da** Leitura no Brasil na Perspectiva da Arte e Tecnologia – Novas Interfaces – Lucília Helena do Carmo Garcez (Instituto Pró-Livro). Das 8h30min às 11h30min, no FAC (prédio D2, sala 204).

CORREIO DO POVO - ANO 115 Nº 28 - PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 2009

Pequenos leitores lotam o Circo da Cultura

Shows, contação de histórias e conversas com escritores são as principais atrações da Jornadinha Nacional de Literatura

O espetáculo de abertura realizado pelo Grupo Tholl e as histórias contadas por Fátima Café marcaram a abertura da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura, que integra a programação da 13ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. O evento para o público infanto-juvenil prossegue até sexta-feira no Circo da Cultura, instalado no campus da Universidade de Passo Fundo (UPF), promotora do evento em parceria com a prefeitura. Participam desta edição 17,5 mil estudantes do ensino fundamental e médio de 150 escolas e de 58 cidades gaúchas e catarinenses.

Nas quatro manhãs do evento, as crianças se reúnem na tenda maior, onde assistem à apresentação do Grupo Tholl, ouvem histórias e veem shows musicais. E como de costume, o escritor homenageado conversa com o público todas as manhãs.

Neste ano, o convidado é Pedro Bandeira. "Sou bom de palco, mas sei que vou me surpreender. O que acontece aqui em Passo Fundo é fabuloso", conta o autor, que participa pela primeira vez de uma Jornada.

A avaliação de Bandeira está ligada às ações que antecedem as Jornadas. Para iniciar a Jornadinha, por exemplo, é enviada uma lista dos autores confirmados para o evento e livros indicados, acompanhada de um caderno de atividades, criado pelo Centro de Referência de Literatura e Multimeios da Universidade de Passo Fundo – Mundo da Leitura. "É um subsídio para o professor trabalhar o livro com os alunos", diz a monitora e integrante da comissão organizadora do evento, Eliana Teixeira. Ao longo do ano, os alunos leem pelo menos uma das obras indicadas e realizam um trabalho final, como texto ou desenho. Duas exposições com esses trabalhos estão abertas à visitação em Passo Fundo: uma no Bourbon Shopping e outra em um estande junto ao Circo da Cultura.

A lista de autores indicados varia conforme a série do estudante. Alunos da 1ª a 4ª séries, por exemplo, leram Fernando Vilela, Marilda Castanha, Ignácio de Loyola Brandão ou Mário Bag. Em cada tarde, os autores recomendados se revezam pelas tendas azul, amarela, verde e vermelha para conversar sobre as obras.

Eliana destaca que presenciar o encantamento das crianças na Jornadinha é um momento mágico. "Eles virem aqui é ótimo e construtivo. Mas também é muito importante e necessária a continuidade no local onde moram", ressalta.

Crédito: GERSON LOPES / ESPECIAL / CP - LEDA MALYSZ - leda@correiodopovo.com.br

folhinha dicas e reportagens

São Paulo, sábado, 7 de novembro de 2009

Evento

Cidade das LETRINHAS

Em Passo Fundo (RS), crianças fazem até fila na escola para disputar livros mais concorridos

GABRIELA ROMEU
ENVIADA ESPECIAL A PASSO FUNDO (RS)

"Livro é igual a sorvete. Você experimenta um e gosta. Depois, quer outro e outro. Mas [a diferença] é que não dá dor de barriga."
Foi assim que o escritor Fernando Vilela explicou como é gostoso ler a uma plateia de centenas de crianças na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS), cidade que é chamada de capital brasileira da literatura.
Lá as crianças formaram fila para fazer perguntas e pedir autógrafos para os escritores -leia abaixo. Fila também fazem os alunos da Escola Estadual Anna Luiza Ferrão Teixeira. Mas é para ler os livros mais cobiçados.
Matheus das Neves, 10, e outros amigos até recontaram as histórias lidas em outra escola. "É para incentivar os outros", diz Matheus, que usava gravata e gel para dar entrevista.

A jornalista viajou a convite da organização da 13ª Jornada Nacional de Literatura.

QUAL É A PERGUNTA?

"De todos os seus livros, qual é o que mais gostou?"
AMANDA GRANDO, 13

Acho que foi o primeiro: "Saga Animal" (ed. Hedra). Foi legal porque eu não sabia que iria escrever uma história longa, não sabia se iria conseguir terminá-la e não sabia se iria conseguir publicá-la. Escrevi por pura diversão mesmo.
ÍNDIGO

"De onde vieram as rimas do livro "E Um Rinoceronte Dobrado" (ed. Projeto)?"
GABRIELA SENADOR PASQUALINI, 9

Quando escrevo, gosto de voltar a ser criança. E eu lembrei que, quando eu era pequeno, a minha irmã guardava bilhetinhos e tudo mais em uma caixa. Quando ela saía, eu ia lá espiar. Hoje, coleciono caixas e guardo muitas coisas lá. A história surgiu um pouco daí.
HERMES BERNARDI JR.

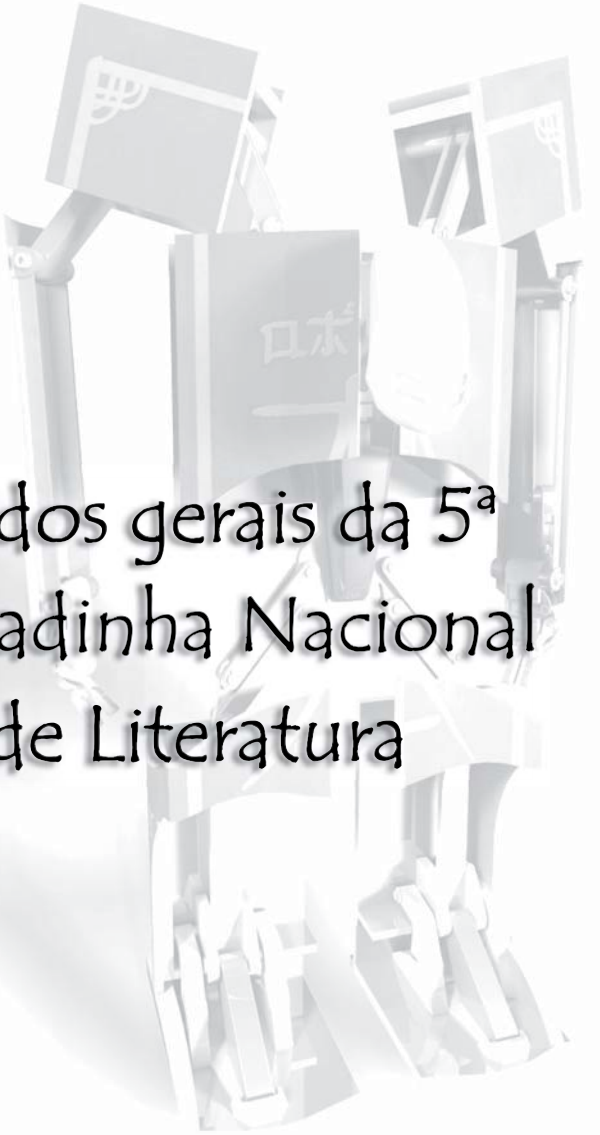
"Quando escreveu "Pedro e Lua" (ed. Cosac Naify), o que pensou que aconteceu com a tartaruga?"
LUANA DALL'AGNOR, 8

O legal da história é não saber o que acontece com a tartaruga. Cada um imagina o que quiser. E, por não saber o que aconteceu, eu quis escrever essa história. Quando a gente escreve, escreve também coisas que não sabe.
ODILON MORAES

+ NO BLOG
Confira mais sobre os livros e os autores do evento no blog da **Folhinha**
http://blogdafolhinha.folha.blog.uol.com.br

Texto Anterior | Índice

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



Dados gerais da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura

Programação

27 e 28/10 – Alunos de 1º a 4º anos

Local: Circo da Cultura

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

Espetáculo de abertura - Grupo Tholl

9h 45min

Contação de histórias - Fátima Café

10h

Conversa com o escritor Pedro Bandeira - Escritor homenageado

10h 45min

Show musical De Paes para filhos - Paulo Bi

11h 30min

Intervalo para o almoço

12h 30min às 13h 30min

Atividades paralelas

- Visitação ao espaço de computadores (ao lado da praça de alimentação)
- Espetáculo teatral Histórias de ser criança – Fabiano Tadeu Grazioli (Centro de Eventos)
- Espetáculo teatral De A a Zigg – Ivan Zigg (Lona azul)
- Oficina de dobraduras com Gláucia Lombardi - (espaço de autógrafos junto à Feira do Livro)

14h às 16h 30min

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Anna Claudia Ramos	Fernando Vilela	Gian Calvi	Jótah
Hermes Bernardi Jr.	Flávio Paiva	Ivan Zigg	Mario Bag
Ignácio de Loyola Brandão	Marilda Castanha	Odilon Moraes	Gilles Eduar

Contação de histórias Fátima Café e Lucia Fidalgo

16h 30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro

29/10

Alunos de 5º a 9º anos/séries

Local: Circo da Cultura

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

Espetáculo de abertura - Grupo Tholl

9h 45min

Show - Os PoETS

10h

Conversa com o escritor Pedro Bandeira - Escritor homenageado

10h 45min

Show musical – No baú a música do Brasil - Grupo Repercussão

11h 30min

Intervalo para o almoço

12h 30min às 13h 30min

Atividades paralelas

– Visitação ao espaço de computadores (ao lado da praça de alimentação)

– Espetáculo teatral Histórias de ser criança – Fabiano Tadeu Grazioli (Centro de Eventos)

– Espetáculo teatral De A a Zigg – Ivan Zigg (Lona azul)
– Oficina de dobraduras com Gláucia Lombardi - (espaço de autógrafos junto à Feira do Livro)

14h às 16h 30min

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
André Diniz	Anna Claudia Ramos	Braulio Tavares	Ernani Ssó
Fernando Vilela	Carlo Frabetti	Lúcia Hiratsuka	Júlio Emílio Braz
Rosana Rios	Mario Teixeira	Lourenço Cazarré	Índigo

Contação de histórias Celso Sisto e Roberto de Freitas

16h 30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro

30/10

Alunos do ensino médio

Local: Circo da Cultura

9h

Sessão de abertura

Apresentador da Jornadinha: Gato Gali-Leu

Espetáculo de abertura - Grupo Tholl

9h 30min

Show - Os PoETS

9h 45min

Conversa com o escritor Pedro Bandeira - Escritor homenageado

10h 45min

Show musical - Banda AfroReggae

11h 30min

Intervalo para o almoço

12h 30min às 13h 30min

Atividades paralelas

– Visitação ao espaço de computadores (ao lado da praça de alimentação)
– Mostra do filme Antes que o mundo acabe - Direção: Ana Luiza Azevedo – Roda Cine
– Oficina de dobraduras com Gláucia Lombardi - (espaço de autógrafos junto à Feira do Livro)

14h às 16h 30min

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Índigo	Gustavo Melo	Júlio Emílio Braz	Allan da Rosa
Ricardo Silvestrin	Guilherme Fiuza	Alberto Martos Núñes Garcia (Espanha)	André Diniz da Silva

Contação de histórias Celso Sisto e Roberto de Freitas

16h 30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro

Observações

O escritor Alberto Martos Núñes Garcia não pôde comparecer à 5ª Jornadinha Nacional de Literatura.

O filme *Antes que o mundo acabe*, por problemas técnicos, não foi exibido. Foram exibidos curtas-metragens da diretora Ana Luiza Azevedo.

Programação paralela

Exposições

Museu de Artes Visuais Ruth Schneider – Av. Brasil, 750 - Centro

Homens e bichos – desenhos, gravuras e pinturas de Roseli Doleski Pretto.

Centro de Eventos – Campus I – UPF
Ídolos tagueados – Diana Domingues
Minibibliotecas – Embrapa Brasília - DF
Esculturas em basalto - João Bez Batti
Mangás – Fábio Shin
Cartuns: Campanha pelo Trânsito Seguro – Frente Parlamentar em Defesa do Trânsito Seguro
Hall do Instituto de Ciências Exatas e Geociências – Campus I - UPF
10 años CEPLI – Centro de Estudos de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil
12 anos Mundo da Leitura – Centro de Referência de Literatura e Multimeios
Faculdade de Artes e Comunicação - Sala de Artes Laura Borges Felizardo – Campus I - UPF
Transgenias – Luciane Campana Tomasini
Hall do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campus I – UPF
Arte digital em fototela - Margarete Barriquel de Cesaro
Hall da Faculdade de Odontologia – Campus I – UPF
Memória Fotográfica Jornadas Literárias
Circo da Cultura –Praça de Alimentação – Campus I - UPF
Múltiplo – Panaiotis Demetre Constantinou
Acasos lançados ao vídeo – James Zortéa
Zaffari Bourbon Shopping – Av. Brasil Leste, 200
Arte e Tecnologia: novas interfaces - trabalhos realizados por alunos na Pré-Jornadinha
Jornada em ação: mostra dos cartazes das Jornadas Literárias e poesias de autores presentes nas diferentes edições

Largo da Literatura – Praça Armando Sbeghen – Av. Brasil Leste

Arte e Tecnologia – trabalhos realizados por acadêmicos do curso de Artes Visuais – FAC-UPF

MOSTRA FOTOGRÁFICA

Centro de Eventos - Campus I – UPF

Compadre, ¿Que Pasa? – Tadeu Vilani

Conferências

Auditório da Faculdade de Direito – Campus I - UPF

27/10/2009 – 8h30min e 19h30min

Literatura e o Direito – César Vergara de Almeida Martins Costa

28/10/2009 - 8h30min e 19h30min

Consumismo e criança – Flávio Paiva

Auditório Feac – Campus I – UPF

27/10/2009 – 8h30min e 19h30min

O livro enquanto negócio - Wander Soares e Paulo Lima

Espetáculos

Centro de Eventos - Campus I – UPF

27 e 28/10/2009 – 17h

Atame: a angústia do precário – (espetáculo teatral multimídial) Direção: Wilton Azevedo

30/10/2009 – 15h30min

De A a Zigg – (espetáculo teatral) – Ivan Zigg

Circo da Cultura – Lona Azul –Campus I - UPF

27 a 29/10/2009 – 12h30min

De A a Zigg – (espetáculo teatral) - Ivan Zigg

Circo da Cultura – Campus I - UPF

27 a 30/10/2009 – 12h e 17h

Cortejo espetáculo: Bloconeco de Catin e sua banda Navegante – Cia. Navegantes

Teatro do Sesc Passo Fundo – Av. Brasil, 30 – Centro – Passo Fundo

28 e 29/10/2009 – 20h

Faces – Guaíra 2 Cia. de dança

Centro de Convivência – Campus I - UPF

27 e 28/10/2009 - 13h

Grupo de dança Tanz e Grupo Étnico de danças folclóricas - UPF

Sopa de letrinhas

Centro de Convivência – Campus I – UPF

27/10/2009 - 14h30min

Glaucia Lombardi e Ernani Ssó

29/10/2009 - 14h30min

Flávio Paiva e Glaucia Lombardi

Conversas paralelas

Centro de Convivência – Campus I – UPF

28/10/2009 - 14h30min

Guilherme Fiuza e Natália Guzzo

30/10/2009 - 14h30min

Anna Cláudia Ramos e Daniel Pellizzari

Zaffari Bourbon Shopping – Av. Brasil Leste, 200

29/10/2009 – 14h30min

Encontro especial com Pedro Bandeira

Mostra de filmes

Centro de Eventos – Campus I – UPF

29/10/2009 – 15h30min

Antes que o mundo acabe – Direção: Ana Luiza Azevedo – RodaCine

30/10/2009 - 12h30min

Antes que o mundo acabe – Direção: Ana Luiza Azevedo – RodaCine

27 a 29/10/09 – 13h30min

Mr. Xadrez: O desaparecimento do diamante

30/10/2009 – 16h30min

Mr. Xadrez: O desaparecimento do diamante

Café literário

Centro de Convivência - 17h – Campus I – UPF

27/10/2009	Luiz Paulo Horta Jorge Furtado	Mediação Luís Augusto Fischer
28/10/2009	Cristovão Tezza	Mediação Ignácio Loyola Brandão
29/10/2009	José Eduardo Agualusa Tabajara Ruas André Sant'Anna	Mediação Júlio Diniz

Papo no Boka

Boka Lanches - Rua Independência, 500 – Centro – Passo Fundo.

27 a 30/10/2009 – 22h

Sarau Literário e Musical com a participação de escritores e artistas

Fabuloso

Circo da Cultura – Campus I – UPF

27 a 30/10/2009

Ônibus Biblioteca – SME/UP

Feira do livro

Centro de Lazer e Cultura Popular – Campus I - UPF

Lançamento de livros

Astronomia

Circo da Cultura - Campus I - UPF

27 e 28/10/2009

Observatório educacional itinerante

Instituto de Física - UFRGS

Autores e obras indicados da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura

Autor	Título	Público	Editora
Allan da Rosa	Da cabula	Ensino Médio	Global
André Diniz da Silva	Pixinguinha	5ª a 8ª	Moderna
	Noel Rosa		
André Diniz	História do homem mais velho do mundo		Record
Anna Claudia Ramos	Brincadeiras de todos os tempos	1ª a 4ª	Larousse do Brasil
	Histórias de boca		
	As Marias		
	Tempo mágico, tempo de namoros	5ª a 8ª	Larousse do Brasil
	Sempre por perto		Cortez
	Quando tudo acontece de repente		Larousse do Brasil
Braulio Tavares	O flautista misterioso e os ratos de Hamelin	5ª a 8ª	Editora 34
Braulio Tavares	A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora		
Braulio Tavares	A invenção do mundo pelo Deus-Curumim		
Carlo Frabetti	Calvina	5ª a 8ª	SM
Fernando Vilela	Lampião e Lancelote	1ª a 4ª	Cosac Naify
	A menina do fio (ilustração)	1ª a 4ª	Girafinha
	Pedro Malasartes	5ª a 8ª	Moderna
Flávio Paiva	Benedito Bacurau: O pássaro que não nasceu de um ovo	1ª a 4ª	Cortez
	Flor de maravilha		
	A festa do Saci		
	Titico achou um anzol		
Gian Calvi	João e o pé de feijão	1ª a 4ª	Global
	Agora... estamos em paz		
	Um mundo para todos		
	Quando a onça ganhou pintas		
Guilherme Fiuza	Meu nome não Johnny	Ensino Médio	Record
	Amazônia, 20ª andar: de Ipanema ao topo do mundo, uma jornada na trilha de Chico Mendes		

Gustavo Melo	A casa	Ensino Médio	Maneco
Ernani Ssó	A fome da bruxa	5ª a 8ª	Paulinas
	O espelho da bruxa		
	A visita da bruxa		
	A aula da bruxa		
	O vôo da bruxa		
Hermes Bernardi Jr.	E um rinoceronte dobrado	1ª a 4ª	Projeto
	Planeta caiquera		
Índigo	O colapso dos bibelôs, da série Rumos na Rede	5ª a 8ª / Ensino Médio	Moderna
	A maldição da moleira	5ª a 8ª	Girafinha
	Como casar com André Martins		
Ivan Zigg	O elefante caiu	1ª a 4ª	Nova Fronteira
	A pulga e a daninha		
	Livro 1, Livro 2 e Livro 3		
Ignácio de Loyola Brandão	Os escorpiões no círculo de fogo	1ª a 4ª	Global
Júlio Emilio Braz	Olhando para o outro lado	5ª a 8ºª	Paulus
	Infância Roubada	5ª a 8ª	FTD
	Abra-te sésamo		
	A coragem de mudar		
	Perdidamente		
	Um fim de semana muito louco	5ª a 8ºª/ Ensino Médio	Arxjovem
	Três aventuras	5ª a 8ºª/ Ensino Médio	Atual Editora
	Esperando os cabeças amarelas	5ª a 8ºª/ Ensino Médio	Arxjovem
Jótah	Zeca catatrecos	1ª a 4ª	Paulinas
Lucia Hiratsuka	Os livros de Sayuri	5ª a 8ª	SM
	Contos da Montanha		
Lourenço Cazarré	Clube dos leitores de histórias tristes	5ª a 8ª	Saraiva
	A cidade dos ratos: uma ópera-roque		Formato
	Nadando contra a morte		
	Quem matou o mestre de matemática?		Atual Editora
Mario Bag	13 lendas brasileiras	1ª a 4ª	Paulinas
	Histórias aumentadas		
Mario Teixeira	O golem do Bom Retiro	5ª a 8ª	SM

Marilda Castanha	Pindorama	1ª a 4ª	Cosac Naify
	Agbalá		
Odilon Moraes	Pedro e Lua	1ª a 4ª	Cosac Naify
	A princesinha medrosa		
Pedro Bandeira	Por enquanto eu sou pequeno	1ª a 4ª	Moderna
	Pequeno pode tudo		
	A onça e o Saci		
	A menina danadinha	1ª a 4ª	Ática
	Os três Mosqueteiros		
	Cavalgando o arco-íris	5ª a 8ª	Moderna
	Malasaventuras		
	Fábulas palpitadas		
	Série “Os Karas” (Droga da obediência, Pântano de sangue, Anjo da morte, A droga do amor, Droga de americana)		
	A marca de uma lágrima	Ensino Médio	
	Agora estou sozinha		
	O medo e a ternura		
Pedro Bandeira	O fantástico mistério de feiurinha	5ª a 8ª	FTD
	Amor impossível, possível amor		
	Aqueles olhos verdes		
Rosana Rios	O livro dos sustos	5ª a 8ª	Àtica
	O livro das encrencas		
	HQs: quando a ficção invade a realidade		Scipione
Ricardo Silvestrin	O menos vendido	Ensino Médio	Nankin
	Play		Record
	Transpoemas		Cosac Naify

Atividades paralelas

Natália Guzzo	A senha Os cinco suspeitos	Ensino Médio	Maneco
Gláucia Lombardi	Brincando com dobraduras	Atividade ao meio-dia	Paulus

Participantes da 5ª Jornadinha Nacional de Literatura

Na 5ª Jornadinha Nacional de Literatura registramos 17 mil inscritos entre crianças, adolescentes e professores. Foram 155 escolas inscritas e 850 os professores que acompanharam os seus alunos no Circo da Cultura.

Na programação paralela, oferecida para as escolas que não se inscreveram na 5ª Jornadinha, contabilizamos a presença de 14 escolas, totalizando 1.109 pessoas. Para estas escolas foram ofertadas a participação na lona principal pela manhã, as conversas paralelas e a Sopa de Letrinhas, com os escritores, sessões de autógrafos, os espetáculos teatrais e de danças, a visita às exposições, a mostra de curtas e a feira do livro.

Caderno de atividades

O caderno de atividades IV é uma publicação do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – elaborado pelos seus monitores. Foram distribuídos cinco mil exemplares do *Caderno de Atividades IV* para os professores usarem como subsídio em sala de aula, nas atividades de Pré-Jornadinha com alunos e com a comunidade em geral.

A seguir seguem alguns depoimentos de professores sobre o *Caderno de Atividades IV*:

"O Caderno de Atividades do Mundo da Leitura serviu tanto para subsidiar as atividades de Pré-Jornadinha quanto para as atividades curriculares regulares. Ele serve de fonte para a inspiração, planejamento e consulta"

"O Caderno de Atividades IV apresenta inúmeras atividades criativas, as quais despertam muito interesse nos alunos."

"O Caderno de Atividades é ótimo para ser usado o ano todo".

Escolas participantes

Escola	Município
E. E. de Ensino Médio Barão Homem de Melo	Alto Alegre
E. E. de Ensino Médio Amantino Vieira Hoffmann	André Da Rocha
E. E. Antonio João Zandoná	Barra Funda
E. M. Barra Funda	Barra Funda
Inst. Federal de Educação Ciência e Tecnologia	Bento Gonçalves
E. E. de Ensino Médio José Clemente Pereira	Campinas Do Sul
E. M. Odette Freitas	Canoas
Colégio La Salle	Carazinho
Colégio Notre Dame Aparecida	Carazinho
Colégio Sinodal Rui Barbosa	Carazinho
E. M. Emílio Carlos Linck	Chapada
E. M. Érico Verissimo	Chapada
E. M. Presidente Vargas	Chapada
Inst. Estadual de Educação Júlia Billiart	Chapada
Escola Básica Jardim do Lago	Chapecó/Sc
E. M. Thietro Antônio Pires	Charqueadas
Colégio Dom Macedo Costa	Ciríaco
E. M. Ângelo Ary Biezus	Concórdia/Sc
E. M. Anna Zamarchi Coldebella	Concórdia/Sc
E. M. das Nações	Concórdia/Sc
E. M. Melvin Jones	Concórdia/Sc
Colégio Cenecista Dr. Júlio Ribeiro Neves	Concórdia/Sc
Cooperativa Educacional Magna	Concórdia/Sc
E. M. Irmão Miguel	Concórdia/Sc
Faculdade de Tecnologia Senai Concórdia	Concórdia/Sc
Gem - Maria Melânia Siqueira	Concórdia/Sc
E. M. Santa Terezinha	Constantina
E. M. Amândio Araújo	Constantina
E. M. Joaquin Nabuco	Constantina
E. M. General Osório	Constantina
E. M. Cristóvão Colombo	Constantina

E. M. Bento Gonçalves	Constantina
E. M. Marcos de Barros Freire	Cruz Alta
E. M. Cornélio Matte	Dois Lajeados
E. M. Sixto Benvegnu	Dois Lajeados
E. M. Alvaro Rodrigues Leitao	Espumoso
E. M. Caminhos do Aprender	Fagundes Varela
Colegio Santa Clara	Getúlio Vargas
E. de Educação Básica Ideau	Getúlio Vargas
E. M. Antonio Zambrzycki	Getúlio Vargas
E. M. Cônego Stanislau Olejnik	Getúlio Vargas
E. M. Pedro Herrerias	Getúlio Vargas
Colégio José Chiochetta	Guabiju
E. E. de Ensino Medio Frei Caneca	Guaporé
E. M. Imaculada Conceição	Guaporé
Colégio Evangélico Augusto Pestana	Ijuí
Escola Adventista de Ijuí	Ijuí
E. M. Dom João Becker	Ipiranga Do Sul
Centro Integrado de Ensino Fundamental - CIEF	Iporã/Sc
E. M. Valentin Bernardi	Ita/Sc
E. E. de Ensino Médio Joaquim José da Silva Xavier	Lagoa Dos Três Cantos
Ceclea	Lagoa Vermelha
Colégio Rainha da Paz	Lagoa Vermelha
E. E. de Ensino Médio Araby Augusto Nácul	Lagoa Vermelha
E. E. Duque de Caxias	Lagoa Vermelha
E. M. Prof. Muriam Piovezan de Lima	Machadinho
Colégio Gabriel Taborin	Marau
E. M. Henrique Dias	Marau
Inst. Estadual Santo Tomás de Aquino - Iesta	Marau
E. M. Rui Barbosa	Marcelino Ramos
E. M. São Pedro	Marcelino Ramos
E. M. São Sebastião	Marcelino Ramos
E. M. Tiradentes	Marcelino Ramos
Inst. Estadual de Educação - Marcelino Ramos	Marcelino Ramos
E. E. Jorge Manfroi	Mato Castelhano
E. E. Geny Vieira da Cunha	Não–Me-Toque
E. E. Joaquim Gaten Cassemiro - Área Indígena	Nonoai
E. E. de Ensino Médio Antonio Mathias Anschau	Nova Boa Vista
E. E. Reinaldo Cherubini	Nova Prata
E. M. Clara Camarão	Novo Barreiro
Júlio de Castilhos 12	Novo Xingú
Colégio Jesus Maria José	Palmeira Das Missões
E. E. Palmeira das Missões	Palmeira Das Missões
E. E. Vila Velha	Palmeira Das Missões

E. E. Presidente João Goulart - Ciep	Palmeira das Mussões
E. M. Bom Pastor	Panambi
Colégio Divino Mestre	Paraí
E. E. Minérios	Paraí
E. E. Nossa Senhora Do Bom Conselho	Paraí
E. M. Mateus Dal Pozzo	Paraí
Apae- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais	Passo Fundo
Centro de Ensino Médio Integrado - UPF	Passo Fundo
Colégio Bom Conselho	Passo Fundo
Colégio Joaquim Fagundes dos Reis	Passo Fundo
Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição	Passo Fundo
Colégio Notre Dame	Passo Fundo
Colégio Tiradentes - Brigada Militar	Passo Fundo
E. E. Anna Luisa Ferrão Teixeira	Passo Fundo
E. E. Bela Vista	Passo Fundo
E. E. de Ensino Médio Protásio Alves	Passo Fundo
E. E. Jerônimo Coelho	Passo Fundo
E. M. Arlindo de Souza Mattos	Passo Fundo
E. M. Benoni Rosado	Passo Fundo
E. M. Dom José Gomes	Passo Fundo
E. M. Frederico Ferri	Passo Fundo
E. M. Fundaçao Educacional Do Menor	Passo Fundo
E. M. Jardim América	Passo Fundo
E. M. Luiz Osorio	Passo Fundo
E. M. Prof. Arno Otto Kiehl	Passo Fundo
E. M. Profª Helena Salton	Passo Fundo
E. M. Irmã Maria Catarina	Passo Fundo
E. M. Romana Gobbi	Passo Fundo
E. M. Santo Antonio	Passo Fundo
E. M. São Luiz Gonzaga	Passo Fundo
E. M. Sebastião Rocha	Passo Fundo
E. M. Senador Pasqualini	Passo Fundo
E. M. Wolmar Salton	Passo Fundo
E. E. Nicolau de Araújo Vergueiro	Passo Fundo
Escola Círculo Operário	Passo Fundo
Escola Menino Jesus – Notre Dame	Passo Fundo
Escola St. Patrick	Passo Fundo
Inst. Educacional de Passo Fundo - IE	Passo Fundo
Inst. Estadual Cardeal Arco Verde	Passo Fundo
Inst. Menino Deus	Passo Fundo
Lar Emiliano Lopes	Passo Fundo
Secretaria Mun. de Cidadania e Assistência Social	Passo Fundo

E. M. Olavo Bilac	Pontão
Centro Est. de Formação de Prof. Gen. Flores da Cunha	Porto Alegre
E. E. de Ensino Médio Padre Antônio Serraglio	Protásio Alves
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Rio Pardo
E. M. Mem de Sá	Ronda Alta
E. M. Francisco Tonon	Saldanha Marinho
E. M. Blau Nunes	Santa Bárbara Do Sul
Escola Pequeno Pé	Santa Bárbara Do Sul
Colégio Teresa Verzeri	Santo Ãngelo
E. de Ensino Fund. e Médio da URI	Santo Ãngelo
E. E. Concórdia	Santo Ãngelo
E. E. Pedro Nunes da Silva	São Jorge
E. M. Carlos Tarasconi	São Jorge
E. de Ensino Médio Sarandi	Sarandi
E. E. João Carlos Machado	Sarandi
E. E. Sepé Tiaraju	Sarandi
E. M. Milton Alves de Souza	Sarandi
Escola Criança Feliz	Sarandi
E. E. de Ensino Médio Adão Seger	Selbach
E. E. de Ensino Médio Bandeirante	Sertão
E. M. João Antônio de Col	Sertão
Inst. Federal de Educação – Campus Sertão	Sertão
Colégio Medianeira - Garra	Soledade
E. E. Capistrano de Abreu	Soledade
E. M. Thomas dos Santos Leite	Soledade
Inst. Estadual de Educação Maurício Cardoso	Soledade
E. E. de Ensino Médio Padre Aneto Bogni	Sto Antonio Do Palma
E. M. São Paulo	Sto Antonio Do Planalto
E. E. de Ensino Médio Santo Antônio	Sto Antônio Do Planalto
E. M. Benvenuta Sebben Fontana	Tapejara
E. M. Giocondo Canali	Tapejara
E. M. Ildo Meneghetti	Três Passos
E. M. João Padilha do Nascimento	Três Passos
E. E. de Ensino Médio Gustavo Biazus	Tupanci Do Sul
E. E. Dr. José Maria de Castro	Victor Graeff
E. M. Marcílio Dias	Victor Graeff
E. M. Giuseppe Tonus	Vista Alegre Do Prada